

Luiz Campos¹

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a peça *O patinho torto ou Os mistérios do sexo*, de Coelho Neto, que será publicada nesta edição da revista. O objetivo é destacar a atualidade do texto, sobretudo no que se refere às questões de gênero, sexualidade e resistência cultural. A partir de uma análise histórico-crítica, procura-se recuperar uma obra pouco lembrada pela historiografia teatral brasileira, evidenciando sua relevância tanto para compreender o contexto do início do século XX quanto para dialogar com debates contemporâneos.

Palavras-chave: Teatro brasileiro; Gênero; Sexualidade; Resistência cultural.

Abstract

This paper offers a reflection on the play *O patinho torto or Os mistérios do sexo*, by Coelho Neto, which will be published in this edition of the journal. The aim is to highlight the play's relevance, especially concerning issues of gender, sexuality, and cultural resistance. Through a historical-critical analysis, the study revisits a work often overlooked in Brazilian theatre historiography, underlining its importance for understanding the early twentieth century as well as its resonance with contemporary debates.

Keywords: Brazilian theatre; Gender; Sexuality; Cultural resistance.

¹ Ator, diretor, professor e pesquisador teatral. Licenciado em Teatro pela Faculdade Paulista de Artes, mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com bolsa mérito, e também em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Possui mais de 40 espetáculos teatrais realizados, tendo iniciado sua carreira em Santos (SP), nos movimentos de teatro de grupo. É um dos fundadores da Cia. Los Puercos, da cidade de São Paulo. Atualmente integra a companhia e é professor do Departamento de Interpretação Teatral da Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). E-mails: luiz_antonio_campos@yahoo.com / luiz.as.campos@unesp.br.

O teatro brasileiro carrega em sua história certas obras que, mesmo emolduradas por contextos específicos, ultrapassam os limites de seu tempo e ecoam problemáticas ainda urgentes. No entanto, alguns/mas dramaturgos/as são facilmente esquecidos/as, seja porque suas obras não se ajustaram ao cânone estabelecido, seja porque determinadas leituras críticas foram silenciadas ou desconsideradas ao longo dos anos. A hegemonia de algumas décadas privilegia certos nomes e estilos, ao mesmo tempo em que menospreza outros, e isso advém de múltiplos fatores, que vão desde os interesses políticos e culturais de cada época até a própria dinâmica do mercado editorial e da crítica especializada. Essa seletividade, por vezes arbitrária, nos convida a revisitar algumas obras para compreender não apenas o que se escolheu lembrar, mas também o que se escolheu esquecer. Entre elas está *O patinho torto* ou *Os mistérios do sexo*, peça de Coelho Neto publicada em 1924 e encenada pela primeira vez pelo Grupo Decisão em 1964, dirigida por Antonio Ghiguetto. Em meio a um período conturbado em nossa história – o início da ditadura civil-militar – e a um cenário teatral marcado por tensões políticas e estéticas, essa montagem aparece como um gesto que mesclou cultura popular, crítica social e, sobretudo, a ousadia de trazer à cena temas ligados à sexualidade e ao gênero.

Coelho Neto (Henrique Maximiano Coelho Neto), nascido em Caxias, Maranhão, em 21 de fevereiro de 1864, foi um autor cuja vida se confunde com os múltiplos caminhos da literatura e da política brasileira. Filho de um português e de uma mãe indígena, sua trajetória pessoal já evidencia a confluência de culturas e tensões que atravessariam sua obra. Ainda jovem, mudou-se para o Rio de Janeiro, estudou em instituições prestigiadas e transitou por diferentes cursos superiores, entre Medicina e Direito, sem jamais se prender a um único destino. O encontro com Tobias Barreto, em Recife, e a vivência entre os estudantes abolicionistas e republicanos em São Paulo, alimentaram nele uma inquietação intelectual que se traduziu em política e em literatura.

Homem de múltiplas frentes, Coelho Neto não apenas escreveu romances, peças e crônicas, mas também atuou como jornalista, político e professor – tendo lecionado História da Arte, Literatura e História do Teatro. Sua inserção nos círculos culturais do Rio de Janeiro aproximou-o de figuras como José do Patrocínio e Olavo Bilac, e seu nome se tornou presença constante em jornais, revistas e salões literários. Casado com Maria Gabriela Brandão, teve catorze filhos, o que dá a medida da dimensão humana de sua vida, entre a intensa produção intelectual e a experiência familiar.

Além de multiplicar-se em pseudônimos para ampliar sua voz nos periódicos da época, cultivou praticamente todos os gêneros literários, chegando a ser um dos escritores mais lidos do Brasil no início do século XX. Apesar de mais tarde ter sido alvo de críticas e esquecimento por parte de novas gerações, foi reconhecido em vida como um mestre da forma, eleito em 1928 “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”. Sua produção, vasta e diversa, deixa entrever uma imaginação vibrante, capaz de transitar entre a prosa lírica, a cena teatral e o comentário crítico, testemunhando tanto seu tempo quanto os limites e possibilidades da literatura nacional.

O que concerne a sua obra, *O patinho torto ou Os mistérios do sexo*, parte de uma notícia publicada no dia 16 de outubro de 1917, na primeira página da Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, que revelava que “Emília é homem!” (As surpresas da vida, 1917, p. 1). Transformar essa ocorrência em comédia de costumes já era, em si, um gesto subversivo, pois colocava em questão tabus relacionados ao corpo, ao desejo e à normatividade de gênero em uma sociedade profundamente conservadora. O enredo acompanha Eufêmia, jovem de dezoito anos prestes a casar-se por imposição familiar, mas que resiste à condição tradicional da noiva dócil. Jogadora de futebol, sonhadora em servir na guerra e, mais tarde, assumindo uma identidade masculina, a personagem tensiona as fronteiras entre feminino e masculino, abrindo espaço de reflexão sobre identidade e liberdade individual em pleno início do século XX.

A escolha de Coelho Neto em transformar uma notícia de jornal em material dramatúrgico – especialmente uma notícia que expunha uma situação de ambiguidade de gênero – revela muito sobre a tensão entre arte, sociedade e política no início do século XX e, sobretudo, sobre como essa dramaturgia pôde ressoar de maneiras diferentes em sua recepção posterior, como por exemplo, na montagem de 1964. O gesto de levar para a cena o tema da sexualidade e das fronteiras entre masculino e feminino não apenas confrontava os códigos morais de sua época, mas também ampliava o campo de debate público em torno de corpos e desejos fora da norma.

Do ponto de vista conservador – e, se pensarmos em leituras neoliberais contemporâneas –, uma obra como *O patinho torto* poderia ser acusada de “atacar os valores da família tradicional”, de ridicularizar instituições como o casamento ou de relativizar papéis sociais considerados naturais e imutáveis. Nessa perspectiva, a peça tocaria em um ponto sensível: a dissolução das hierarquias de gênero que garantiam a

ordem social. Por outro lado, uma leitura progressista, alinhada a causas humanitárias, vê no texto um marco de ousadia, um gesto de denúncia e resistência frente à opressão cultural que confinava as mulheres e interditava qualquer vivência identitária fora da norma binária. Nesse sentido, a personagem Eufêmia, que joga futebol, sonha em servir na guerra e assume uma identidade masculina, pode ser lida como precursora de debates sobre autonomia, desejo e diversidade.

Quando retomado pelo Grupo Decisão em 1964, o texto ganhou novas camadas de sentido. Por um lado, representava a recuperação de um dramaturgo brasileiro de enorme produção, mas pouco encenado. Por outro, trazia um tema que, mesmo suavizado pela chave cômica, escancarou contradições sociais. Se hoje a pauta LGBTQIAPN+ ainda encontra resistências, é preciso imaginar o impacto que um texto com esse conteúdo poderia gerar na década de 1960. O riso, nesse caso, pode ter atuado como ferramenta de crítica, mas também como proteção contra os olhares moralistas da censura.

Essa aproximação com o público não era gratuita: correspondia ao projeto político-estético do Grupo Decisão, formado por artistas como Antonio Abujamra, Sérgio Mamberti, Emílio Di Biasi, Wolney de Assis, Berta Zemel e Lauro César Muniz. Inspirados por experiências trazidas por Abujamra do teatro épico e popular, de Jean Vilar,² Roger Planchon³ e do Berliner Ensemble,⁴ buscavam popularizar o teatro brasileiro e afastá-lo de um elitismo que o distanciava das classes trabalhadoras. Nesse sentido, *O patinho torto* simboliza uma escolha estratégica: utilizar uma comédia de costumes para atrair plateias, mas oferecer, nas entrelinhas, uma reflexão sobre papéis sociais, sexualidade e resistência cultural em tempos de autoritarismo.

² O encenador Jean Vilar (1912-1971), ao fundar o Festival de Avignon em 1947 e dirigir o Théâtre National Populaire (TNP) a partir de 1951, deu corpo a uma concepção de teatro como bem comum aos cidadãos franceses. Sua função principal não se limitava à direção artística, mas sim à construção de uma cena que buscava romper com o elitismo cultural, oferecendo ao povo acesso à reflexão crítica e à fruição estética. Vilar, nesse sentido, projetou um teatro que funcionava como serviço público e instrumento de emancipação.

³ O diretor Roger Planchon (1931-2009), ao fundar o Théâtre de la Cité em Lyon e transformá-lo em referência nacional, imprimiu ao seu trabalho uma dimensão política que articulava clássicos e dramaturgia contemporânea. Sua função maior esteve em conceber o palco como espaço de enfrentamento simbólico das desigualdades, inserindo o teatro no cerne da vida social. Planchon afirmava, em sua prática, a ideia de que a arte deveria interpelar o presente e não apenas representá-lo, mantendo sempre uma vocação crítica e transformadora.

⁴ O Berliner Ensemble foi a companhia teatral fundada em 1949, em Berlim Oriental, por Bertolt Brecht e sua esposa, a atriz Helene Weigel. Após a morte de Brecht, em 1956, Weigel assumiu a direção artística do grupo, desempenhando papel fundamental na preservação e difusão da estética brechtiana. Sob sua liderança, o *Ensemble* consolidou-se como referência internacional, tornando-se espaço privilegiado de experimentação cênica e de continuação do legado de Brecht.

A obra também antecipa procedimentos que décadas mais tarde seriam associados ao Teatro documentário. Ao transformar uma notícia de jornal em dramaturgia, Coelho Neto realiza uma espécie de colagem entre realidade e ficção, gesto que Brecht também defendia ao aproximar teatro e vida social. O episódio verídico é ressignificado em cena, permitindo ao público rir, mas também pensar sobre as estruturas que regulam identidades e corpos. Essa dimensão documental, ainda que embrionária, é um aspecto que torna a peça atual, conectando-a com formas contemporâneas de teatro político que se valem de relatos, testemunhos e materiais de arquivo.

Do ponto de vista social, é inevitável associar a figura de Eufêmia aos debates atuais sobre gênero e diversidade. Sua recusa ao casamento arranjado, seu gosto por práticas esportivas e militares, sua transformação em homem e a aceitação parcial de seu noivo, tudo isso aponta para uma desconstrução dos modelos normativos. Se em 1917 a notícia causava escândalo, hoje continua a nos provocar, especialmente quando pensamos nas violências sofridas por pessoas trans e não binárias no Brasil. Nesse sentido, a obra é um testemunho histórico de como a literatura e o teatro podem abrir espaços de questionamento antes mesmo de a sociedade estar preparada para debatê-los.

Não é possível afirmar com segurança qual foi a real intenção de Coelho Neto ao escrever a peça. É plausível pensar que o autor buscava apenas um efeito cômico, explorando o insólito e o inusitado de uma notícia de jornal para provocar risadas em seu público. Outra hipótese é que a peça tivesse um caráter de militância implícita, ainda que discreta, refletindo a experiência política e intelectual do autor, marcado por convivências com círculos progressistas em sua juventude. Também não se pode descartar que a obra fosse, antes de tudo, uma tentativa de renovar o teatro de costumes, experimentando temas polêmicos para atrair atenção e público. O fato é que, independentemente da intenção autoral, *O patinho torto* acabou por abrir espaço para questionamentos que, mais de um século depois, seguem pulsando em debates sobre identidade, gênero e liberdade.

Hoje, revisitlar *O patinho torto* ou *Os mistérios do sexo* pode significar reconhecer a importância de Coelho Neto não apenas como um escritor prolífico, mas como alguém que, ainda que de forma sutil, trouxe à tona questões que permanecem no centro do debate contemporâneo. Entre o riso e a subversão, a peça continua a nos interpelar. Mostra como a arte, mesmo quando travestida de comédia, pode carregar germes de transformação social. Ao olhar para Eufêmia, não vemos apenas uma personagem cômica

de 1917, mas um espelho que reflete nossas lutas atuais por igualdade, diversidade e liberdade. Nesse sentido, *O patinho torto* permanece vivo, lembrando-nos que o Teatro pode ser, acima de tudo, espaço de resistência, diálogo e reinvenção do mundo.

Referências

AS SURPRESAS da vida. **Gazeta de Notícias**, 16 out. 1917, p. 1.

CAMPOS, Luiz. Muito além de um Patinho Torto. **Revista Rascunhos - Caminhos Da Pesquisa Em Artes Cênicas**, v. 5, n. 2, p. 104-115, 2018.

CAMPOS, Luiz. **Um grupo chamado Decisão**: levantamento de registros históricos e apontamentos críticos sobre a atuação do Grupo Decisão, na década de 1960, com ênfase no espetáculo “Sorocaba, senhor!”. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

TIBAJI, Alberto. Apontamentos e reflexões sobre as relações entre teatro no Brasil e diversidade sexual. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 277-300, 2017.

O PATINHO TORTO
ou
OS MISTÉRIOS DO SEXO
Comédia de Coelho Neto em três atos

*A dramaturgia foi encenada pela primeira vez no Teatro
Nacional de Comédia, na cidade do Rio de Janeiro,
pelo Grupo Decisão no dia 14 de julho de 1964.*

Elenco e direção da primeira montagem:

CUSTÓDIA.....	Iracema de Alencar
CLEMENTE.....	João das Neves
BIBI.....	Sérgio Mamberti
DONÁRIA.....	Marilena Carvalho
IRACEMA.....	Suely Franco
EUFÊMIA.....	Emílio di Biasi
DR. PATUREBA.....	Carlos Vereza
DONA AUGUSTA.....	Hilda Machado
BATISTA.....	N. N.
(DIREÇÃO).....	Antônio Ghigonetto

Época: Rio de Janeiro - Durante a 1^a Guerra Mundial

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 9, n. 2, p. 168-225, 2025.

PRIMEIRO ATO

Sala burguesa. Mobiliário antigo. Mesa ao centro coberta por um pano de crochê, sobre a qual acumulam-se revistas, brochuras, cartões postais. Porta à esquerda dando para um corredor em diagonal, em cuja parede há um aparelho telefônico. Portas ao fundo e à direita. Janela à esquerda, baixa.

CENA I

CLEMENTE, BIBI, CUSTÓDIA, depois DONÁRIA

Custódia está sentada no sofá, à esquerda; Clemente na cadeira de braço, ao lado. Bibi, sentado junto à mesa de centro, folheia distraidamente as revistas.

CUSTÓDIA: Sim, a natureza mexe com a gente, não digo o contrário. Também eu passei por isso, mas assim como Eufêmia... Deus me livre, eu tinha os meus burros, ficava embezerrada...

CLEMENTE, sorrindo: Era bicho pra burro, como agora se diz, hein comadre?

CUSTÓDIA, sem compreender: Bicho? Como bicho?!

CLEMENTE: Burros, bezerros...

CUSTÓDIA, dando de ombros: Ora, compadre... Trate sério. Então o senhor não sabe que isso é um modo de falar? Ficava jururu, metida num canto, com um nó na garganta, uma vontade doida de chorar. Mas Eufêmia!... Nossa Senhora! Parece que comeu fogo! Olhe, ela está lá dentro com Iracema, vávê-la.

CLEMENTE: Temperamento, comadre. Cada um, nesta vida, traz a sina e os nervos que Deus lhe deu. A minha defunta por exemplo... lembra-se? Era uma pomba sem fel, mas fosse alguém comer pão torrado perto dela. Ficava uma fera! Nervos.

BIBI, cantarolando baixinho: A Bahia é terra boa. Ela lá e eu aqui... (*Continua assobiando*).

DONÁRIA, aparecendo ao fundo com um samburá de compras no braço: Minha ama...

CUSTÓDIA: Que é?

DONÁRIA: Subiu sim, senhora.

CUSTÓDIA: Quem?

DONÁRIA: O açúcar. Subiu um tostão.

CUSTÓDIA: Um tostão! Isso é um desaforo! (A *Clemente*, frenética:) Mas que há de ser de nós comadre?!

CLEMENTE, *indiferente*: Há de ser o que Deus quiser. Está subindo tudo.

BIBI, *pedante*: É a vertigem das alturas.

CLEMENTE: Nós, comadre, somos dos tempos das casas térreas, do feijão com carne seca, do bacalhau na quaresma, das procissões, das fogueiras, das pastorinhas, do tempo em que o pão cheirava e com um de dois vinténs o pobre fazia o seu almoço. Hoje em dia com esta história de avoação...

BIBI, *corrigindo*: Aviação, papai.

CLEMENTE, *repontando*: Então eu não sei que é ação?

CUSTÓDIA: É a mania de emendar a gente.

CLEMENTE: Mas, como eu dizia: hoje com essa história de voar, anda tudo pelos ares.

CUSTÓDIA: Pelos ares... Pelos ares vai isto, mais hoje, mais amanhã, o senhor há de ver.

CLEMENTE: Qual, comadre: não temos gente. Falta-nos uma cabeça. Nem braços, nem cabeças: só temos pernas: os homens, para trocá-las na avenida, bolinar nos cinemas; as mulheres para mostrarem-nas. Porque uma das coisas que mais tem subido com a crise é o vestido.

CUSTÓDIA: Menos o meu.

CLEMENTE: É. A comadre mantém os princípios: cauda e anquinhas.

CUSTÓDIA: Anquinhas! Eu? Nunca precisei disso, com a graça de Deus. Quanto à cauda, usei e hei de usar até a morte, porque é decente. Uma senhora de cauda está sempre composta.

CLEMENTE: Depois... a cauda é natural: para casaca de rabo, vestido de cauda. Uma coisa diz com a outra. Amanhã, com esta história de parcimônia, cortam o rabo à casaca e mudam-na em jaqueta.

CUSTÓDIA, *ingênua*: Já cortaram, comadre. Agora a casaca é um casaquinho que se chama não sei como, uma coisa assim à moda de esmonco...

BIBI, *corrigindo*: Smoking.

CUSTÓDIA, *aborrecida*: Já vem você, Bibi.

CLEMENTE: Ah! Sim... Isso é um filho de casaca. Nasceu sem rabo porque, a comadre sabe: tudo se aperfeiçoa na vida.

BIBI: Nós mesmos: se não fosse a seleção natural, ainda teríamos rabo de macaco, como Adão.

CUSTÓDIA, *com um momo*: Ora, Bibi... tire o seu cavalo da chuva. Quer você dizer que nós...?

BIBI: Não sou eu quem diz, é Darwin.

CUSTÓDIA: Pois Darwin que não seja tolo, filho de macaco, é ele.

CLEMENTE: O rapaz sabe, comadre.

CUSTÓDIA: Sabe nada! Fidúcias...

DONÁRIA: Minha ama, olhe que estou aqui esperando.

CUSTÓDIA: O quê?

DONÁRIA: O açúcar.

CUSTÓDIA: Pois vá buscar o açúcar, que se há de fazer? Dá, dá o tostão a esse gatuno. Há de lhe ficar atravessado na garganta. Deus é grande! (*Donária entra à esquerda, fundo*). Eu já não sei mais que hei de fazer. Uma raiz de aipim, uma coisa que custava um tostão...

CLEMENTE: A três vinténs comprei eu muitas na Praia do Peixe, no Largo da Sé...

CUSTÓDIA: Pois hoje, por menos de um cruzado, o senhor não compra uma assinzinha.

CENA II

Os mesmos, menos DONÁRIA

CLEMENTE, *acendendo um cigarro*: Esta guerra... esta guerra! Nem sei! Enfim... (*Pausa.*) Então sinhá esta noite?...

CUSTÓDIA, *atalhando-o*: Ih! Compadre... não a chame de sinhá.

CLEMENTE: Por quê?

CUSTÓDIA: Não quer. Diz que tem nome. (*Clemente encolhe os ombros*). Esta noite parecia que vinha o mundo abaixo. Eu até tive pena de Iracema, coitada! A pobre de minha filha não pregou o olho, nem deixou ninguém dormir – era de um lado para o outro, falando atirando coisas. Um desespero (*Suspirando*) Ah! Compadre, a falta que me está fazendo o falecido! O senhor não imagina o que eu tenho sofrido! E com esta história de Eufêmia então, é um horror. (*Chamada ao telefone*). Bibi, tem paciência, meu filho, vai ver quem é. (*Bibi vai atender, continuando a cena entre os dois enquanto ele fala entrecortadamente.*)

BIBI, *ao telefone*: Alô!... Sim, senhora. Sim, senhora... Bibi... Eu mesmo... Às quatro? Sim, senhora. Ciúme! Eu? Não, senhora. Se puder. Sim, senhora. Até logo... Obrigado.

CUSTÓDIA: Olhe, compadre eu não acredito em coisas feitas, mas às vezes... não sei. Pois uma menina que era um anjo, virar assim a cabeça sem quê nem porque...

CLEMENTE: Isso passa, comadre.

CUSTÓDIA: Passa... passa. E as manias, compadre! É cada esquisitice que eu até tenho vergonha de contar. (*Bibi desliga o telefone e volta a sentar-se. Interrogando-o:*) Quem é?

BIBI: Clotilde. (*Custódia faz um momo.*) Está convidando Eufêmia para um *training* logo mais, no Fluminense.

CUSTÓDIA, *aborrecida*: É isso. São esses trens que estão lhe virando a cabeça. Tanto se meteu com a bola que a dela é o que se vê. Trens...! As bolas das moças do meu tempo eram os novelos de lã... Hoje!

CLEMENTE: É o progresso.

CUSTÓDIA: Que progresso, compadre? Progresso é uma moça saber tomar conta da casa, cerzir uma meia, pregar um botão, temperar uma panela.

BIBI: Ora, D. Custódia...

CUSTÓDIA: Ora... o quê? Quando precisares de quem te pregue um botão nas ceroulas hás de dizer-me se a bola vale mais que a agulha. (*Aborrecida:*) É Fluminense, Fluminense. Eu ainda me mudo daqui por causa dessa história de Fluminense.

BIBI: Ela é torcedora.

CUSTÓDIA: Torcedora... Torcida ando eu, sabe você? Eu é que me torço aqui com ela. É por essas e outras que o mundo está assim virado. Mulher é mulher! Deixe as bolas com os homens, cuide do que lhe compete.

BIBI: Então a senhora não quer o aperfeiçoamento da raça? (*Com ênfase:*) Na Esparta de Licurgo as moças exercitavam-se nos ginásios nuas em companhia dos rapazes.

CUSTÓDIA, *rilhando os dentes*: Ah! Eu lá com um bom chicote!...

BIBI: Veja a americana.

CUSTÓDIA: Que tem a americana?

BIBI: É mulher para tudo.

CUSTÓDIA: Pois sim... Eu não sou americana, mas mando chegar a mais pintada. De que serve saber jogar peteca com uma pá de barbante e não entender de um refogado. Você come peteca? Come? Não. Pois é... Eu hei de ver. Minha mãe, era uma dona de casa que fazia gosto e não falava francês, não batucava em piano e nunca se importou com bolas. Eu fui criada no mesmo regime. Agora é o que se vê. Olhe Eufêmia... Está aí com os nervos que nem sei.

CLEMENTE: Mas afinal... Que disse o Dr. Camacho?

CUSTÓDIA: Ora o Dr. Camacho... é outro. Acha que ela deve fazer o tal esporte: andar a pé, correr, jogar peteca, fazer ginástica. E sempre a mesma lengalenga: que isso é da idade, que o casamento a põe boa. Como se o casamento fosse coisa de botica, como magnésia.

CLEMENTE: Eles, às vezes, dão em droga, mas só depois da lua de mel.

CUSTÓDIA, a Bibi: A propósito: você vai ou não buscar o Dr.?

BIBI: Às onze horas.

CLEMENTE: Pois então, são dez e meia.

BIBI: É aqui ao lado.

CLEMENTE: Mas vai. (*Bibi levanta-se e sai pelos fundos.*)

CENA III

CLEMENTE e CUSTÓDIA

CUSTÓDIA, *depois de um momento*: Ô comadre, com franqueza: você não acha Bibi um pouco frio?

CLEMENTE: Frio! Quem? Bibi?! Ora comadre... não fosse ele meu filho... Bibi é um forno, fria é Eufémia. (*Caramunhando.*) Não tem alma. O rapaz chega-se-lhe para dizer uma amabilidade e ela responde-lhe com um murro. Por maior que seja o amor de um homem, comadre, tenha paciência... murro não é graça.

CUSTÓDIA, *interrogativa*: Mas?...

CLEMENTE: Ora! Cada um!...

CUSTÓDIA: Olhe, comadre, se ela o esmurrá é porque ele...

CLEMENTE: Qual nada! É porque ela está sempre abaixo de zero. Nem parece uma menina de hoje. Afinal um noivo, cá no meu entender, tem direito de fazer festa à sua noiva. Ou bem que se é ou bem que se não é. Até é bom para se irem habituando. (*Gravemente:*) Eu também fui noivo, comadre.

CUSTÓDIA: Também eu. Mas festas de noivo... hum! Começam em brinquedo e quando a gente menos espera, é aquela desgraça. (*Vozes à direita. Prestando atenção:*) Olhe, parece que é ela. Sonde-a. Mas cuidado com a língua, comadre. O senhor, às vezes solta cada uma de arrepia os cabelos. Eu sei que não é por mal, mas Eufémia é um lírio.

CLEMENTE: Pelos modos a comadre acha que eu sou imoral?

CUSTÓDIA: Imoral, não digo: distraído. Precisa ter mais cuidado. Eufêmia, não é por ser minha filha, está hoje ainda tão pura como quando nasceu. É uma sensitiva.

CLEMENTE: Pois olhe, comadre, a gente lá na roça, chama a sensitiva: malícia de mulher. E o povo é sábio, tem experiência velha. O que o povo diz Deus assina.

(Soa um relógio.)

CUSTÓDIA, prestando atenção à esquerda: Ih! Onze horas. Com licença. Vou vestir uma roupa decente para receber o médico. Até já. Olhe não leve a mal as minhas palavras, compadre: Sonde-a, vê se descobre alguma coisa, mas com cuidado.

CLEMENTE: Vá descansada.

CUSTÓDIA: Até já. (Entra à esquerda).

CENA IV

CLEMENTE e EUFÊMIA.

CLEMENTE, levantando-se fleumaticamente: Sim senhor...! E chama-se assim um homem de sem vergonha cara a cara. (*Põe-se a folhear uma revista. Eufêmia aparece à porta da direita fumando. Traz no queixo uma cruzeta de pontos falsos. Ao ver Clemente atira o cigarro ao chão. Clemente apanha-o, lança-o pela janela e diz, pachorrentamente:*) Mais prudência, menina. Com fogo não se brinca. (*Encarando-a:*) Estás com dor de dentes?

EUFÊMIA: Eu? Não. Por quê?

CLEMENTE: Fumando: Eu só admito que uma mulher fume quando está com dor de dentes.

EUFÊMIA: Preconceitos. (*Vivamente, com arrogância:*) Por que não pode a mulher fumar? Por quê?

CLEMENTE: Por quê? ... Ora essa!... Porque não é natural nem decente. Eva não fumava.

EUFÊMIA: Nem Adão.

CLEMENTE, perlongando a sala: Isso é que eu não sei.

EUFÊMIA: Sei-o eu, porque o fumo, originário da América, só apareceu na Europa em mil quinhentos e não sei quê. Foi o século XVI que acendeu o primeiro cigarro no facho da civilização.

CLEMENTE: Ah! Sim! Pois deixemos o século fumar à vontade e vamos ao que interessa. Que é isso no queixo, se é espinha, cuidado!

EUFÊMIA, *naturalmente*: Não, é um talho à toa: cortei-me com a navalha.

CLEMENTE, *espantado*: Com a navalha? Navalha no queixo?... Tu!?

EUFÊMIA: Pois então, padrinho? Que há nisso de extraordinário?

CLEMENTE: Mas... (*De repente*) Ó Sinhá... (*Eufêmia atalha-o com um gesto. Lembrando-se:*) Ah! Sim... Tens nome: Eufêmia. (*Outro tom*) Mas Eufêmia, que diabos tens tu, hein?

EUFÊMIA: Que tenho? Tédio, tudo me aborrece e irrita. Sinto que uma força reage em minha alma impelindo-me a sair de mim mesma.

CLEMENTE: A sair de ti mesma?! Por onde? Para onde?

EUFÊMIA, *com entusiasmo*: Para a vida! Para a luta! Para a independência! Para a liberdade!

CLEMENTE: Deixa-te de maluquices, menina. Não queiras contrariar a natureza. Essas coisas não são para o teu sexo.

EUFÊMIA, *com um momo de desprezo*: Sexo... sempre a palavra ridícula.

CLEMENTE: Palavra ridícula?!

EUFÊMIA: Sim, padrinho. (*cruzando os braços em atitude de desafio:*) Que é sexo?

CLEMENTE, *atarantado*: Sexo? Ora que pergunta! Sei lá! Sexo é um mistério. (*Outro tom:*) Olha, menina, nessas coisas o melhor é não bolir, estás ouvindo? Não tenho estudos, nem sou homem de andar por aí metendo o nariz no que não entendo. De mais a mais, são tantas as opiniões... Sei lá!

EUFÊMIA: Pois se não sabe, vá a um dicionário.

CLEMENTE: Não me faltava mais nada senão andar procurando sexos no dicionário. (*À parte:*) E é isto a sensitiva. Está fresca, pois não.

EUFÊMIA, *com decisão*: Ouça-me, padrinho. (*Senta-se cruzando a perna*). Eu devo casar-me com Bibi, não é verdade?

CLEMENTE, *observando-lhe os modos*: Pelo menos é o que está assentado de pedra e cal.

EUFÊMIA: Está assentado, mas tem de levantar-se. Tal casamento seria um desastre.

CLEMENTE: Desastre! Como?

EUFÊMIA: Porque Bibi espera de mim o que eu nunca lhe poderei dar.

CLEMENTE: Não o amas?

EUFÊMIA: Amor... o meu amor é feito de energia, amor forte, heróico.

CLEMENTE: É o que serve.

EUFÊMIA: ... com impulsão para lutas, para conquistas!

CLEMENTE, *escandalizado*: Conquistas!...

EUFÊMIA: Sim, conquistas. O meu sonho é partir para a guerra, alistar-me...

CLEMENTE: Na Cruz vermelha?

EUFÊMIA: Qual, Cruz Vermelha! Na aviação. (*Com heroísmo:*) Voar sobre o inimigo! Fulminá-lo das nuvens com toneladas de explosivos! Combater no espaço como as águias. O ar! O éter! *Gloria in excelsis!*

CLEMENTE, *à parte*: Está varrida de uma vez.

EUFÊMIA, *sacudindo o vestido com desprezo*: Quando me vejo nesta túnica de Nessus, com estes sapatinhos de salto alto, caiada de pó de arroz, eu que só admito a pólvora, tenho medo de enlouquecer. Estou como Prometeu, amarrado ao Cáucaso. É horrível! (*De repente:*) Dê-me a sua mão. (*Clemente mal lhe estende a mão, que ela aperta, agacha-se, encolhe-se gemendo.*)

CLEMENTE, *sacudindo a mão, e soprando-a*: Irra!

EUFÊMIA, *com orgulho*: Pulso, hein?

CLEMENTE: Pulso de homem!

EUFÊMIA: E o senhor ainda não viu o melhor.

CENA V

Os mesmos e IRACEMA

IRACEMA, *aparece à porta da direita, de branco, cabelos soltos, com um lírio na mão.*

Romântica: Papai...

CLEMENTE: Ora muito bom dia. (*Beija-a na frente*).

IRACEMA, *lânguida*: Beija-me de leve. Eu sou como um fio de fumo que a mais leve respiração dissolve.

EUFÊMIA: Deixa-te de fumaças...! (*A Clemente:*) Quer uma prova oral do que lhe acabo de dizer? (*A Iracema:*) Repete aquela quadra de Casimiro de Abreu que recitaste há pouco.

IRACEMA: Tem muito sentimento, não? (*Atitude poética, olhos para o alto, voz lânguida:*) Oh! Não me chames coração de gelo! Bem vês, traí-me no fatal segredo. Se de ti fujo é porque te adoro e muito, És bela; eu moço; tens amor; eu medo!

EUFÊMIA: Agora eu! (*Máscula, voz trovejante, gestos largos:*) Oh! Não me chames coração de gelo! Etc. Etc. (*plantando-se diante de Clemente em atitude arrogante*): Então?

CLEMENTE: Então, que? É a mesma coisa.

EUFÊMIA: Sim, os versos são os mesmos, mas a voz...

CLEMENTE: A tua é mais cheia, isso é, mais grossa... talvez do fumo.

EUFÊMIA: Qual fumo? É que eu tenho voz de barítono

CLEMENTE: Não digas isto que é feio. Barítono é voz de homem.

EUFÊMIA: Pois é a minha voz.

CENA VI

Os mesmos e DONÁRIA

DONÁRIA, *ao fundo*: Seu almoço está na mesa, seu Clemente. (*Retira-se.*)

IRACEMA: Papai já vai almoçar?

CLEMENTE, *carinhoso*: Sim, filhota. Tenho um negócio ao meio-dia em ponto. (*A Eufêmia:*) Manda chamar-me logo que chegue o médico. (*Sai pelo fundo, esquerda.*)

CENA VII

EUFÊMIA e IRACEMA

IRACEMA: Que tens? Tu não é a mesma, Eufêmia. Há nuvens densas em tua alma.

EUFÊMIA: O que há em minha alma é uma vontade danada de fazer um escândalo.

IRACEMA, *repreensiva*: Que coisa, Eufêmia.

EUFÊMIA: Já viste uma garrafa de champanhe quando a rolha começa a subir e os gazes lá dentro, a borbulhar, a ferver até que, de repente, pum! Pois assim estou eu.

IRACEMA: Como uma garrafa?

EUFÊMIA: Como uma garrafa de champanhe.

IRACEMA: Estás brincando. (*Meiga:*) Não, querida, tu andas a ocultar-me alguma coisa. Eu bem vejo que sofres. Abre-te comigo. Despeja as tuas mágoas no meu seio.

EUFÊMIA: As minhas mágoas, Iracema... Se eu as despejasse ia tudo raso.

IRACEMA: Tens o sono muito agitado. Ainda esta noite... até tive medo.

EUFÊMIA: Medo? Medo de que?

IRACEMA: Não sei. Enfim... pode ser que tenha sido pesadelo. (*Outro tom:*) Mas porque me escondes o teu segredo? Não confias em mim?

EUFÊMIA: O meu segredo... (*Trágica:*) O meu segredo é horrível, Iracema! Se eu te dissesse cairias fulminada como por um raio.

IRACEMA: Credo! (*Ingenuamente:*) É assim grande?

EUFÊMIA: É enorme.

IRACEMA: Entretanto nunca me pareceu que tivesse na alma uma coisa assim.

EUFÊMIA, voz cava: Não é na alma. (*Outro tom:*) E como havias tu de o descobrir se eu só agora é que dei por ele? (*Nervosa:*) Eu não me suicido, Iracema, queres saber por quê? Porque tenho medo de morrer. (*De repente:*) Se houvesse escrito duas cartas, uma para um homem, outra para uma mulher e, distraidamente, trocasse os envelopes, não seria um horror?

IRACEMA, *ingenuamente*: Conforme.

EUFÊMIA: Pois foi o que se deu comigo. (*Sacudindo o vestido.*) Este envelope não é o meu.

IRACEMA, *sem compreender*: Que envelope?

EUFÊMIA, *sacudindo furiosamente o vestido*: Isto!

IRACEMA, *abaixando-lhe as saias*: Não te descomponhas assim, Sinhá! Que modos feios!

EUFÊMIA, *desempenada*: Qual descompondo, qual nada!

IRACEMA: Tu não estás direita, não. É bom mesmo que o médico te examine.

CENA VIII

As mesmas e DONÁRIA

DONÁRIA, *aparecendo ao fundo, azafamada*: O cheira-cheira está aí, gente. (*As duas olham-na espantadas. Explicando:*) O Dr. da Casa de Saúde aqui do lado. (*Aborrecida:*) Oh! Vocês também...

IRACEMA: Ah! Espera... É esse que anda sempre de sobretudo e galochas?

DONÁRIA: Pois então? Está aí com seu Bibi. Vou avisar minha ama. (*Entra à esquerda correndo.*)

IRACEMA, *notando o desalinho de Eufêmia*: Arranja esses cabelos ao menos. Pareces uma fúria! (*Põe-se a arranjar-lhe os cabelos. Curiosa:*) Mas que história é essa de cartas, de envelopes?... Alguém escreveu-te?

EUFÊMIA: Não.

IRACEMA: Então?

EUFÊMIA, *limpando as mãos aos ombros de Iracema, de olhos cravados nela, como a hipnotizá-la*: Olha bem para mim. Bem! Sabes quem sou?

IRACEMA: Ora esta! Que coisa! Se sei quem és... Então não hei de saber?

EUFÊMIA: Não sabes. (*Voz soturna:*) Eu sou um grande desgraçado, Iracema!

IRACEMA: Um grande o quê?

EUFÊMIA: Desgraçado!

IRACEMA: Ainda se dissesse: desgraçada...

EUFÊMIA: Não! Eu digo o que é, o que sou: desgraçado!

IRACEMA: Com "o"?

EUFÊMIA: Com "o"!

IRACEMA: Oh! (*Olhando-a, como magnetizada:*) Mas então é um milagre!

EUFÊMIA: Qual milagre! Um horror é que é!

IRACEMA, *para si mesma*: Com o... Mas então... (*De olhos apavoradamente fitos em Eufêmia, vai-se-lhe a boca escancarando, mascara-se-lhe a fisionomia de horror e, com os braços duramente estendidos, como na repulsa de uma visão, vai recuando, recuando, até a porta da direita e, depois de haver desaparecido, solta um grito estridente.*)

EUFÊMIA, *baixa a cabeça e meneia-a desoladamente, dizendo em tom sombrio*: O mal secreto, de Raimundo Corrêa. Ah! Poetas... poetas!

CENA IX

EUFÊMIA, BIBI e o Dr. PATUREBA

BIBI, *ao fundo*: Entre, Dr. (*O Dr. Patureba aparece ao fundo, muito míope, de sobretudo e galochas, apalpando o terreno com o guarda-chuva. Bibi toma-lhe o chapéu e o guarda-chuva e apresenta-o a*

Eufêmia:) O Dr. Patureba aqui da Casa de Saúde ao lado. Senhorita Eufêmia Arrobas. (O Dr. aperta por engano a mão de Bibi.) Não, Dr. (Tomando a mão de Eufêmia colocando-a na do Dr.) A mão dela é esta, a minha.

Dr. PATUREBA: Dela... sua? Como?

BIBI: Digo minha porque me foi dada: somos noivos.

Dr. PATUREBA: Ah! Compreendo: é uma mão comum de dois. Compreendo... (*Acavala dois pares de óculos no nariz e experimenta a vista. Não satisfeito acrescenta um pince-nez.*) Muito bem. (*Sentando-se:*) A doente é a senhorita, não? Ora vamos lá. Com licença. Eu vejo pouco, só de muito perto. (*Chega-se muito a Eufêmia e toma-lhe o pulso.*) Pulso um pouco agitado. Mas isto em noivos é natural. Deixe ver a língua.

EUFÊMIA: Para que, Dr.?

Dr. PATUREBA: Como para que? A língua está para o corpo, minha menina, como uma vitrina para uma casa de negócios: é um mostrador, comprehende? O exame da língua põe o médico ao corrente do que há por dentro. (*Eufêmia mostra-lhe a língua.*) Assim. Um pouco de saburra. Se a menina fosse homem eu diria que fumava demais. Vamos adiante.

EUFÊMIA, *levantando-se vivamente*: Dr., o meu caso não é dos que se estudam na língua, não é... como direi, coisa de que se exponha amostra na vitrina.

Dr. PATUREBA: Por quê?

EUFÊMIA: Por que... ninguém expõe contrabandos.

Dr. PATUREBA: Contrabandos!... Como contrabandos?

EUFÊMIA: Eu explico, mas só ao senhor.

BIBI: Faz cerimônia comigo, seu noivo?...

EUFÊMIA: Não é cerimônia, Bibi, é...

CENA X

Os mesmos, CUSTÓDIA, depois CLEMENTE

CUSTÓDIA, *entrando pela esquerda apressada*: Desculpe-me, Dr. Estava lá dentro dando umas ordens. Sua senhora bem? Os meninos?...

Dr. PATUREBA: Todos bem, obrigado.

CUSTÓDIA: Então?... Já a examinou, Dr.?

Dr. PATUREBA: Ia examiná-la agora, mas... pelos modos... acho-a muito escrupulosa.

EUFÊMIA: Sim, preciso ficar a sós com o Dr.

CLEMENTE, entra pelo fundo, com o guardanapo ao pescoço. Vendo o médico detém-se. Tira o guardanapo e, chamando Bibi à parte, pergunta-lhe baixinho: Que houve aqui com Iracema? Fui encontrá-la na varanda banhada em lágrimas.

(Custódia e Eufêmia discutem nervosamente.)

BIBI: Não sei.

Dr. PATUREBA: O Sr. é o pai?

CLEMENTE: Não, Doutor, Padrinho apenas.

BIBI: É verdade, não os apresentei. (Apresentando:) Coronel Clemente Lameira, meu pai.

Dr. Patureba.

Dr. PATUREBA: Felismino Patureba, especialista em moléstias das senhoras, para o servir.

CLEMENTE: Muito obrigado, Dr.

CUSTÓDIA: Mas então, Doutor... Como há de ser? Ela insiste em ir só.

Dr. PATUREBA: No estado em que ela está é bom não contrariá-la. Somos vizinhos, a Casa de Saúde é aqui, a dois passos. É sair de uma porta e entrar em outra. Que tem isso? Ela vai comigo. Até lá em casa é melhor porque temos tudo à mão.

CUSTÓDIA: Mas então eu hei de deixar minha filha só, com um homem?

Dr. PATUREBA, formalizado: Eu não sou um homem, minha senhora.

CUSTÓDIA: O senhor?!

CLEMENTE: Essa agora!...

Dr. PATUREBA: Eu sou médico, e o verdadeiro médico não tem sexo: é neutro.

BIBI: Lá isso...

EUFÊMIA, decidida: Vou só. Só ou então... (Ao Dr.) Vou pôr o chapéu. Com licença. (Entra à direita).

CENA XI

Os mesmos, menos EUFÊMIA

CUSTÓDIA: Mas... (Troca olhares com Clemente.) Não sei... mas acho isto assim não sei como. Que eu não vá, enfim... até é bom porque não tenho coragem para essas coisas, mas sem uma pessoa da família... Não está direito.

Dr. PATUREBA: Por mim, minha senhora, pode ficar descansada. Não é para me gabar, mas tenho visto muita coisa. Por estas mãos tem passado o que o Rio tem de mais elegante.

CLEMENTE: Há um meio. Não por causa do Dr., em quem todos nós confiamos, mas pela maledicência.

CUSTÓDIA: A língua do mundo.

CLEMENTE: Eu vou na frente, meto-me lá num canto e quando o Dr. terminar o exame apareço e volto com ela

Dr. PATUREBA: É. Pode ficar na secretaria. Está muito bem. Enfim... eu estou por tudo.

CUSTÓDIA: É só por causa da boca do mundo, Dr. O senhor não imagina esta vizinhança por aí. Não escapa ninguém.

BIBI: Papai não tinha uma entrevista ao meio-dia?

CLEMENTE, distraído: Hein? Ora... vou à noite. (A Custódia e ao Dr.) Bem, eu vou indo.

CUSTÓDIA: Olhe, compadre... Fale-me pelo telefone.

CLEMENTE: Sim, sim.

Dr. PATUREBA: Espere na secretaria. (*Clemente sai pelo fundo, direita.*)

CENA XII

Os mesmos, menos CLEMENTE, depois EUFÊMIA

CUSTÓDIA: Será preciso ferro, Dr.?

Dr. PATUREBA : Não sei, minha senhora. Só vendo. Mas ainda que seja preciso não será para hoje. Hoje farei apenas o exame.

CUSTÓDIA: Seja tudo pelo amor de Deus.

(*Eufêmia aparece de chapéu.*)

EUFÊMIA: Às suas ordens, Dr.

CUSTODA, choramingando: Ah! Minha filha... tem coragem.

EUFÊMIA: Eu vou apenas conversar com o Dr., mamãe. Preciso estar a sós com ele.

BIBI, baixo a Eufêmia: Ingrata!

EUFÊMIA, com uma rabanada: Não me amoles! (A Custódia:) Hoje decide-se o meu destino: sim ou não!

CUSTÓDIA: Que é isso, menina!...

EUFÊMIA: É o que lhe digo! Vamos, Dr.

CUSTÓDIA: Você também nem parece homem, Bibi.

BIBI: Que quer a senhora que eu faça, se ela não quer?

CUSTÓDIA: Vai, minha filha. Deus te acompanhe.

Dr. PATUREBA: Às suas ordens, minha senhora. E fique tranquila. Esta mão até hoje não errou golpe. Fique tranquila. (*Custódia e Bibi acompanham até o fundo. Custódia apoia-se a uma das ombreiras, chorando. Bibi prossegue conduzindo o médico, que vai tateando, curvado sobre os passos.*)

CENA XIII

CUSTÓDIA e IRACEMA

IRACEMA, aparece à direita e, vendo Custódia a chorar, adianta-se nervosa, abraça-a e interroga-a aflita: Que é? Que houve? (Olhando em volta:) Onde está sinhá?

CUSTÓDIA: Foi com o Dr. para a Casa de saúde.

IRACEMA: Para a Casa de Saúde?!

CUSTÓDIA: Parece que tem de ser operada.

IRACEMA: Operada?! Ah! (Cai desfalecida).

CUSTÓDIA: Virgem Mãe do Céu! (Aos gritos:) Bibi! Donária! Acudam.

CENA XIV

As mesmas, BIBI, depois DONÁRIA

BIBI: Que foi?

CUSTÓDIA: Iracema teve uma coisa. Olha como está esfriando. Chama Donária.

BIBI: Minha pobre irmã! (Correndo ao fundo em grande aflição:) Donária! (Volta, ajoelha junto de Iracema e põe-se a bater-lhe nas mãos e esfregar-lhe os pulsos) Iracema! Minha irmã!

CUSTÓDIA: O coração dela está parando, Bibi. Valha-me Nossa Senhora!

DONÁRIA *entra afogueadamente pelo fundo, de avental, as mangas arregaçadas:* Que é? (Vendo Iracema desmaiada:) Misericórdia! Mas que foi, minha ama?

CUSTÓDIA: Foi porque eu disse que sinhá vai ser operada.

DONÁRIA, *com as mãos na cabeça:* Virgem! Operada... Sinhá! (Desata a chorar desesperadamente.)

CUSTÓDIA: Que é isso, rapariga? Vocês em vez de me darem coragem... Já se viu uma coisa assim?... Cale a boca, Donária!

DONÁRIA: Coitada de Sinhá. Aquele diabo do cheira-cheira... Não é à toa que eu embrorro com ele. (Iracema volta a si, senta-se, olhando em volta airada.)

CUSTÓDIA: Iracema!

BIBI: Minha irmã! (Chamado ao telefone. Bibi corre a atender.)

CUSTÓDIA, *a Iracema, mas voltada para o telefone:* Estás melhor, minha filha?

DONÁRIA: Pobrezinha de Nhá Eufêmia. Nas mãos daquele diabo que não enxerga.

BIBI, *ao telefone:* Beira-mar: oito, nove, meia dúzia, quatro. (Desliga.)

CUSTÓDIA: Chega de chorar, Donária. (A Iracema:) Estás melhorzinha? (A Bibi:) Quem é?

BIBI, *sentando-se ao lado de Iracema:* Foi engano!

IRACEMA: Que fatalidade! (Abraça-se em Custódia, soluçando.)

Fim do 1º ato.

SEGUNDO ATO

CENA I

BIBI, CUSTÓDIA e DONÁRIA

CUSTÓDIA, sentada no sofá, com as mãos abandonadas no colo, suspira com desalento: Ai! Ai!
(A Donária, que está encostada a um dos umbrais da porta do fundo:) Já acendeste a lamparina do oratório?

DONÁRIA: Já sim, senhora. Mas eu achava que, para uma coisa assim, era melhor uma vela de cera. Lamparina a gente acende todos os dias, já não tem força, os santos nem ligam. Cera é cera, minha ama.

BIBI: Tudo é luz, Donária.

DONÁRIA: Não, seu Bibi: vela não é azeite. A prova é que ninguém manda lamparina para a igreja, o que se manda é cera. Eu não mandei uma barriga? Mandei. Vosmecê pensa que os santos não vêm essas coisas. Ora se vê...! Santo Antônio então!...

CUSTÓDIA: Pois vai buscar a vela, rapariga. Vai de uma vez.

DONÁRIA: De quanto?

CUSTÓDIA: De dez tostões. Pois não chega?

DONÁRIA: De dez tostões?! Uma vela de dez tostões é pouco mais que um fósforo. Eu, para mim, costumo comprar de mil e quinhentos.

CUSTÓDIA, impaciente: Pois compra, rapariga. Compra!

DONÁRIA: Ué! Minha ama fica zangada. Eu tenho culpa!? Está tudo pela hora da morte.

CUSTÓDIA, enfezada: Morte, morte... Andas sempre a falar em morte. Até parece agouro.

DONÁRIA, resmungando: Hum! Nossa Senhora! (*Sai pelo fundo, esquerda.*)

CENA II

BIBI e CUSTÓDIA

BIBI, consultando o relógio: Vinte minutos para uma.

CUSTÓDIA: Está demorando muito. E o compadre nada. Se você tocasse para lá, Bibi?

BIBI: Não. Se papai não fala é porque a operação não terminou.

CUSTÓDIA, *alarmada*: Operação? Que operação? Pois ela vai ser operada? (*Com as mãos na cabeça*) Bem que eu estava adivinhando! (*Põe-se a andar de um para outro lado, desesperada*.)

BIBI: Espere, D. Custódia. Tenha calma. Eu queria dizer exame.

CUSTÓDIA, *aturdida*: Não! Não! (*Chamada ao telefone. Alvorocada*:) Vai ver, Bibi. (*Bibi corre ao aparelho, Custódia fica em atitude expectante*.)

BIBI: Alô! Como? Aqui é: Beira-mar: oito, nove, meia dúzia, quatro. (*Um instante*:) Beira-mar.

CUSTÓDIA: Que é?

BIBI: Pois não. (*Desliga*.)

CUSTÓDIA: Que é?

BIBI: Engano. (*Pausa*)

CUSTÓDIA: Como estará Iracema? Estou com esta cabeça que nem sei! Também é tanta coisa em cima da gente.

BIBI: Olhe, D. Custódia, para mim, quer a senhora saber? Para mim a doença de Eufêmia é o cinema.

CUSTÓDIA: Como cinema?

BIBI: Essas moças vão aos cinemas, vêem coisas, impressionam-se e é isso.

CUSTÓDIA: Mas que coisas terá ela visto para ficar assim?

BIBI: Quem sabe lá? Eu só lhe digo que muita cabeça de moça tem virado por causa do cinema. Quando nos casarmos ela só irá ao cinema comigo e ainda assim só depois de eu haver visto a fita.

CUSTÓDIA: Ora, seu Bibi, se cinema virasse cabeças, então, meu filho, não sei que seria desta cidade. Qual! Eufêmia tem coisa muito séria. Queira Deus que eu me engane, mas, para mim... (*Suspira*) Ainda esta noite um cachorro uivou aí na vizinhança que parecia o diabo.

BIBI: Ora! Os cachorros uivam sempre que há luar. Tristeza.

CENA III

Os mesmos e IRACEMA

IRACEMA, entrando pela direita: Nada ainda?

CUSTÓDIA: Qual, minha filha! E você como vai? (*Fá-la sentar-se a seu lado.*)

IRACEMA: Estou preocupada! (*Tomando a mão de Custódia e encostando-a ao peito.*) Olhe o meu coração como está.

BIBI: Não há nada. (*Chamada ao telefone.*)

CUSTÓDIA: Vai ver, Bibi. (*Bibi vai atender. As duas mulheres levantam-se e acercam-se do aparelho, ansiosas. Baixo a Iracema.*) Estou com medo.

BIBI: Alô!... (*Sôfrego:*) É papai? Sim, sou eu. Então? (*Movimento das mulheres.*) Como? Um terno? Aqui? Só se for o meu. E eu? Um pijama que o senhor comprou? Com Iracema? (*A Iracema:*) Você tem aí um pijama de papai?

IRACEMA: Tenho, um que ele comprou ontem. Pediu-me que lhe repregasse os botões.

BIBI, *ao telefone*: Mas para quem é o terno, papai? (*Espantado:*) Como? Para Eufêmia?

CUSTÓDIA; Que é?

BIBI, *atônito*: É papai que está pedindo um terno para Eufêmia.

CUSTÓDIA, *com uma rabanada*: Ora! Teu pai está maluco.

BIBI, *ao telefone*: Mas porque, papai? Que extravagância é essa? Não vem? Por quê? Como! (*Nervoso:*) Que diz? Não é Eufêmia? Hein? Eu... que? Eu macho?! Não comprehendo. (*Vivíssimos sinais de assombro:*) Hein? Oh! (*Deixa cair o telefone e fica estatelado diante das senhoras, com os olhos esgazeados.*)

CUSTÓDIA, *num grito*: Morreu! Minha filha morreu!

BIBI: Sim. Sua filha morreu. A senhora está sem filha e eu sem noiva, viúvo!

CUSTÓDIA, *caindo pesadamente em uma cadeira*: Ah! (*Iracema prostra-se de joelhos, mãos postas, olhos no céu.*)

BIBI: Morreu Eufêmia, mas nasceu-lhe um filho.

CUSTÓDIA, *escandalizada*: Como! Pois era... E não aparecia. (*A Iracema:*) Vai lá para dentro, Iracema. (*De punhos fechados, por entre dentes:*) Mas quem será o miserável? Eu esgano-o!... (*Iracema fica parada no meio da sala, a olhar ora um ora outro. A Bibi:*) Menino ou menina? (*Falando-lhe em rosto, voz trágica:*) Quem sabe se não foi você, Bibi!

BIBI: Eu? Eu que? (*Iracema, de pé no meio da sala, olha os dois desconfiada.*)

CUSTÓDIA: Menino ou menina?

BIBI: Menino? Menina?

CUSTÓDIA, *frenética*: Pois você não disse que ela...?

BIBI: Ela? Não há mais ela. É ele.

CUSTÓDIA, *frenética*: Ele? Que ele? Homem, Bibi, eu não te entendo. Ele quem?

BIBI: Eufêmia.

CUSTÓDIA: Então Eufêmia é ele, Bibi?

BIBI: É sim, senhora. O médico examinou.

CUSTÓDIA: O médico examinou... o médico examinou. E daí?...

BIBI: É isso.

CUSTÓDIA: Isso o quê?

BIBI: Ela só pode vir para casa...

CUSTÓDIA, *adiantando-se*: Carregada, já sei. (*Depois de uma volta*:) Se é por causa do pequeno...

BIBI: Que pequeno?

CUSTÓDIA: Que pequeno?!... O do infame!

BIBI: E a senhora a dar-lhe com um infame. Que infame? (*A Iracema*:) Vai lá para dentro, Iracema. (*Iracema entra à direita, desconfiada*.)

CENA IV

BIBI, CUSTÓDIA, depois DONÁRIA

CUSTÓDIA: E agora?

BIBI: Pois a senhora não comprehende? (*Custódia faz apalermadamente um gesto negativo*.) Eu vou mandar o meu terno para Eufêmia.

CUSTÓDIA: Para Eufêmia... teu terno, esse... (*Sarcástica*:) Então Eufêmia há de vir por aí vestida de homem.

BIBI: Naturalmente, porque esse é o traje que ela deve usar. (*Custódia enclavinha as mãos e encara-o boquiaberta. Explicando com mistério*:) D. Custódia, Eufêmia é um erro da natureza que nos enganou a todos: à senhora, a mim...

CUSTÓDIA: Erro da natureza?...

DONÁRIA *entrando pelo fundo*: Aqui está a vela.

CUSTÓDIA, *irritada*: Deixa-me com essa vela, rapariga!

DONÁRIA, *à parte*: Credo! (*Entra à esquerda colocando, de passagem, o fone no gancho.*)

BIBI, *misteriosamente*: Papai acaba de comunicar-me que Eufêmia é homem.

CUSTÓDIA, *dum jato*: Seu pai perdeu a cabeça. (*Ameaçando-o com os punhos:*) Então minha filha?...

BIBI: É homem, tanto que, para voltar para casa, faz questão de um terno e, como não há outro, vou vestir o pijama de papai para mandar-lhe o meu.

CUSTÓDIA, *giro-girando atordoada*: Não! Não é possível! Vocês todos perderam a cabeça ou então sou eu que não estou regulando. Pois minha filha... Eufêmia... Isso é lá possível! (*Chamada ao telefone. Bibi adianta-se, mas Custódia toma-lhe a frente*). Não! Eu mesmo falo. (*Ao telefone:*) Quem fala? Aqui é Custódia Arrobas. (*Irrompendo:*) Não seja malcriado, sabe!? (*Desliga.*)

BIBI, *desesperando-se*: Que hei de eu dizer aos meus íntimos...! Com que cara vou eu aparecer em público!... Isto vai ser um escândalo!

CUSTÓDIA: Mas como foi?

BIBI: Sei lá como foi! (*Chamada ao telefone. Custódia acode.*)

CUSTÓDIA: Alô! Sim, senhor. É o compadre? Ah! O Dr. Então, Dr.? (*Pausa, o espanto vai, pouco a pouco, decompondo-lhe o rosto.*) Mas não é possível, Dr.! O senhor viu bem? Mas... Não sei, Dr... Só se foi coisa feita. Qual! Sim, senhor. Do primo, o noivo. Calcule! Está inconsolável! Sim, senhor. (*Desliga e fica apatetada, os braços caídos ao longo do corpo, meneando com a cabeça desconsoladamente.*)

BIBI: Então, D. Custódia? (*Ela encara-o com ar de idiota*). Está convencida?

CUSTÓDIA, *acena negativamente com a cabeça; depois de uma pausa*: Olhe, Bibi, eu vou fazer cinquenta e dois anos, tenho visto muita coisa neste mundo, mas assim... (*Bate com as mãos nas faces. Outro tom:*) E agora? Que vou eu fazer de toda essa roupa que ela tem aí?

BIBI: Ora a roupa!... A roupa é o menos, o resto é que é. Enfim. Vou mandar-lhe o terno.

CUSTÓDIA: É..... Que remédio! Está lá teimando – que não vem! Que não vem. Manda Donária levar.

CENA V

Os mesmos e IRACEMA

IRACEMA, entrando pela direita com um embrulho. A Bibi: Está aqui o pijama de papai. (À Custódia:) Então ela operou-se mesmo?

CUSTÓDIA, depois de a encarar com ar atoleimado: Sei lá! Sei lá se operou. Olha, o que eu digo, depois disto, é que, de hoje em diante, não me fio em mais ninguém.

IRACEMA: Nem em mim, D. Custódia? (Bibi entra à direita com o embrulho.)

CUSTÓDIA: Nem em ti. Em ninguém! Pois se minha filha... (Perguntando-se:) Em nome do padre, do filho e do Espírito Santo! Uma menina que era um lírio... bumba! Homem. Eu sei lá! (Entra à esquerda gesticulando.)

CENA VI

IRACEMA DONÁRIA e AUGUSTA

Iracema senta-se junto à mesa, folheando distraidamente as revistas. Donária aparece ao fundo, seguida de Augusta que traz uma bolsa de couro.

DONÁRIA: Ué! Minha ama não está aí. Está D. Iracema.

AUGUSTA, dirigindo-se a Iracema, de mão estendida, muito lampeira e saracoteando: A senhora! Então como vai? Não sabia que estava por cá.

IRACEMA, friamente: Como vai a senhora, D. Augusta?

AUGUSTA: Rolando... (Fazendo-lhe mimos.) Cada vez mais bonita, benza-a Deus! (Põe a bolsa em uma cadeira.) Já sei que veio tratar do enxoval, hein? (Iracema encolhe os ombros com indiferença.) Quando chegou?

IRACEMA: No sábado.

AUGUSTA: Está aqui mesmo?

IRACEMA: Sim, senhora: eu e papai. Bibi continua na pensão.

AUGUSTA: Pois não imagina como eu tenho pensado na senhora. Recebi um sortimento do norte que é mesmo uma beleza! Rendas, bicos, crivos labirintos, até nhanduti. E barras de saias, golas, cabeções, lenços... Tenho vendido muito. Já viu as rendas de fibra de bananeira? Pois olhe, nem em Paris se faz coisa igual. (Faz menção de abrir a bolsa, Iracema detém-na.)

IRACEMA: Não, D. Augusta, depois. Estou com uma dor de cabeça que nem posso abrir os olhos.

AUGUSTA, *tirando da bolsa um vidro de sais*: Cheire isto. É um santo remédio. (A *Donária*.) Donária, minha negra, você é capaz de arranjar-me uma xicrinha de café?

DONÁRIA: Pois não, D. Augusta. Bibi, à direita, chamando: Donária!

DONÁRIA: Senhor! (*entra à direita*).

CENA VII

IRACEMA e AUGUSTA

AUGUSTA: Pois é verdade... (*Pausa*). Venho da casa de uma freguesa. Estou estrompada! Ah! Menina... esta minha vida é uma penitência, não imagina. Para fazer negócio tenho de fiar, uns pagam, mas há por aí uma certa gentinha que eu nem sei mesmo... É automóvel, municipal, festas, sedas, Petrópolis, colares de pérola e uma porcaria de vinte e cinco mil reis é um horror para a gente receber. Só em passagens de bonde tenho gasto mais do fiei. Vou lá, bato, e é aquela certeza: "Não está. Está no banho." Há dias fui lá de manhã. Veio um sujeito de cara raspada e disse-me que ela tinha ido para São Paulo. À tarde encontrei-a na avenida. Pois quer saber? Quem teve vergonha fui eu: fiz que não vi. (*Insistindo com o vidro de sais*). Cheire um pouco. (*Iracema aceita. Donária, com um embrulho, atravessa a cena da direita para o fundo, por onde sai a correr*). A senhora sofre de enxaquecas? (*Anima-a*).

IRACEMA: Às vezes.

AUGUSTA: Isso é estômago. Já sofri muito. Curei-me com banho de mar. Porque não experimenta? (*Com malícia*.) E olhe, na sua idade os banhos de mar fazem bem a tudo. Tenho uma freguesa que achou marido, e que marido! Ali na praia do Flamengo. Foi uma pesca e tanto!

IRACEMA, *aborrecida*: Não penso em casamento, D. Augusta.

AUGUSTA, *com enlevo*: É porque a senhora não sabe como é bom. Pois olhe, quando a gente tem sorte de achar um bom marido, não há nada melhor neste mundo.

IRACEMA: A senhora é casada? (*Augusta faz tristemente com a cabeça um gesto negativo*). Viúva? (*Mesmo gesto*). Como sabe então?

AUGUSTA, *com um arrancado suspiro*: Por informações, meu bem. Perdi o meu tempo de moça em maluquices. Não conhecia o mundo, que quer a senhora? E não me faltaram partidos e bons! Mas tanto escolhi, tanto escolhi que aqui estou. A vida era boa e eu não sentia o tempo, que é como um morcego que, soprando esperança, vai levando a mocidade. Quando dei por mim, era tarde: estava com a cabeça branca, sem dentes, e

cheia de rugas.

IRACEMA: Nem por isso, D. Augusta. A senhora também não está tão velha assim.

AUGUSTA: Ora, coraçãozinho... não estou velha... eu é que sei! É verdade que um quitandeiro lá da minha rua - não se enxerga, o porcaria! - andou com histórias comigo, presentinhos de laranjas, de bananas... mas eu, pois sim! (*Repuxando a pálpebra inferior de um dos olhos:*) Eu vejo longe! Comigo não há lembranças. O que ele queria sei eu... mas isso...! (*Tocando com a mão espalmada, ora uma espádua, ora outra:*) Pra cá, mais pra cá! Não, que me tem custado!

CENA VIII

As mesmas e CUSTÓDIA

Custódia entra pela esquerda amuada. Augusta levanta-se com alvoroço e vai-lhe ao encontro.

CUSTÓDIA, *friamente*: Como está, D. Augusta? (A *Iracema*:) Falaram para cá?

IRACEMA: Não, senhora.

AUGUSTA: Eu trouxe a sua encomenda.

CUSTÓDIA: Que encomenda?

AUGUSTA: Para o enxooval da menina.

CUSTÓDIA: Ah! (*fica um momento como alheada. De repente*:) Olhe, D. Augusta: o dito por não dito. Eu agora tenho muito que fazer. Desculpe-me.

AUGUSTA, *ressentida*: A senhora parece que está sentida comigo, D. Custódia.

CUSTÓDIA: Sentida?... Não, D. Augusta.

AUGUSTA: Nem tem razão. Bem sabe que, negócios à parte, eu fui sempre sua amiga. Conhecemo-nos há mais de vinte anos.

CUSTÓDIA, *falando à toa*: É verdade.

AUGUSTA: Pois então?

CUSTÓDIA: É ... mas... (*Desorientada*:) Eu nem sei... Se eu lhe contar a minha vida, a senhora há de pensar que é mentira. A senhora esta me vendo aqui assim, não é? Pois eu nem sei mesmo...

AUGUSTA: Mas que tem?

CUSTÓDIA: Que tenho? Eu sei lá, D. Augusta.

AUGUSTA: Não será algum embaraço no estômago?

CENA IX

As mesmas e BIBI

Bibi aparece à porta da direita de pijama e estaca ao ver D. Augusta. Faz um sinal de cabeça a Iracema a perguntar: quem é?

IRACEMA: Entra. Não faz mal, é D. Augusta.

BIBI, *adiantando-se com acanhamento*: Não repare.

AUGUSTA: Reparar em que! O senhor está tão bem. (À Iracema:) É seu irmão, não?

IRACEMA: Sim, senhora.

AUGUSTA: Ora, com cerimônia... Pois não está decente? Eu tenho uma freguesa, e bem bonitinha, que anda assim em casa.

IRACEMA: De pijama?

AUGUSTA: Sim, senhora. Fica uma gracinha, não imagina.

CUSTÓDIA, *baixo a Bibi*: Você já mandou a roupa, Bibi?

BIBI: Já sim, senhora.

CUSTÓDIA: E agora, com essa mulher metida aqui... como há de ser? Isto é uma língua!...

BIBI: Que se há de fazer? (*Outro tom:*) Mas eu ainda não acredito, D. Custódia. Só vendo.

CUSTÓDIA: E eu, Bibi.

AUGUSTA: Mas então, D. Custódia, quer ver ou não as rendas para a menina?

CUSTÓDIA: Que menina?

AUGUSTA: Sua filha!...

CUSTÓDIA, *com um muxoxo*: Pois sim...

Iracema levanta-se e vai debruçar-se à janela. Bibi bate um cigarro na mesinha, tira a caixa de fósforos do bolso, mas fica como esquecido. Augusta, interdita, sem compreender os modos misteriosos dos que a cercam, olha ora um, ora outro. Custódia passeia nervosamente pela sala, estalando os dedos. Vai ao telefone como para falar, detém-se diante do aparelho e, meneando os ombros, torna à sala. Augusta disfarça o seu mal-estar abrindo a bolsa e examinando-lhe o conteúdo. Rumor fora. Movimento na sala.

CENA X

Os mesmos, DONÁRIA, depois CLEMENTE e EUFÊMIA

DONÁRIA, aparecendo ao fundo, esgazeada: Minha ama! (Vai a Custódia, pronta a falar, esta, porém, impõe-lhe silêncio com um gesto. Falando-lhe em seguida:) Sinhá passou debaixo do arco da velha, minha ama. (Clemente aparece ao fundo e, logo em seguida, Eufêmia, vestindo o terno de Bibi. Espanto mudo.)

CLEMENTE à porta do fundo, solene: *Ecce homo!!!*

IRACEMA, rindo: Que é isso, gente?!

CUSTÓDIA, atirando-se para Eufêmia de braços abertos: Minha filha!

EUFÊMIA, solene: Filho, mamãe. Filho!

AUGUSTA: E não é que ela fica bem assim?

EUFÊMIA, arrogante: Ela, quem?

AUGUSTA, sorrindo enleada: Quem há de ser?

EUFÊMIA, com superioridade: Ele, minha senhora. Eu sou ele. Dela restam-me apenas os cabelos, que vou mandar cortar hoje mesmo. (A Clemente:) Onde é o seu cabeleireiro, padrinho?

CLEMENTE: Eu corto por aí...

EUFÊMIA: Isto é a corrente que ainda me prende à outra vida. (Mete furiosamente os dedos pelo penteado, soltando os cabelos que se lhe despenham pelas costas. Sacudindo a cabeça triunfante:) Enfim!... (À Donária:) Vá ali na esquina e diz ao cabeleireiro que venha aqui imediatamente cortar-me os cabelos.

CUSTÓDIA, enérgica: Nunca! Isso nunca!

EUFÊMIA, tranquilamente: Vai, Donária!

BIBI: Eufêmia! (Eufêmia fulmina-o com um olhar furibundo.)

IRACEMA: Sinhá!

EUFÊMIA, a Donária, com um gesto imperativo: Vai!

AUGUSTA, baixo a Custódia: Se foi promessa, D. Custódia... Tive uma freguesa...

CUSTÓDIA: Qual promessa, D. Augusta! Deixe-me, pelo amor de Deus!...

DONÁRIA, hesitante: Mas, então...

EUFÊMIA: Vai, Donária! E que venha já! (Donária sai pelo Fundo.)

CENA XI

Os mesmos, menos DONÁRIA

AUGUSTA, à parte: Se não foi promessa, então, coitadinha! Está aqui, está no hospício.

EUFÉMIA: A vida agora sorri-me. (A *Iracema*:) Não imaginas o que é isto cá deste lado. Respiro outro ar e sinto-me livre, enfim!... (A *Bibi*:) Dá cá um cigarro. Os meus ficaram no saco. (*Bibi dá-lhe um cigarro e acende-o.*) Obrigado!

CUSTÓDIA, deixando-se cair no sofá: Eu não digo? Ninguém acredita.

AUGUSTA, à parte, pasmada: Fumando! Como está este mundo! Rio de Janeiro, quem te viu e quem tevê!...

CUSTÓDIA, corre a *Clemente* escandalizada e diz-lhe baixo: Compadre, tenha paciência... Veja se leva D. Augusta lá pra dentro. Eu já não tenho cara.

IRACEMA, muito meiga, estendendo os braços a Eufêmia: Sinhá!

EUFÉMIA, afastando *Iracema*: Iracema, cavou-se um abismo entre nós: tu, és uma; eu, sou outro. O passado morreu para nós.

BIBI: E eu? Afinal que papel represento eu em tudo isso?...

CLEMENTE, baixo a *Custódia*: Pois não... (À *Augusta*:) Desculpe-me D. Augusta, mas a senhora não podia esperar um instantinho lá dentro, só enquanto resolvemos aqui uma questão de família?

AUGUSTA: Não, já vou indo, já é tarde e tenho de ir à Gávea, levar uns bicos a uma freguesia. (Misteriosamente:) Mas diga-me aqui uma coisa. (Espicha os lábios indicando *Eufêmia*:) Cabeça virada, não?

CLEMENTE: Cabeça? Não, senhora: coisa pior, muito pior! Não foi a cabeça que virou...

AUGUSTA: Então que foi? (*Clemente fala-lhe em segredo. Augusta recua formalizada*:) Senhor! Eu sou donzela, sabe? (Toma a bolsa e vai despedir-se de *Custódia*, muito digna:) D. Custódia... (Voz lacrimosa:) a senhora me conhece: sou pobre, é verdade, mas honrada. Não admito que me faltem com o respeito. Isto não!...

CUSTÓDIA, espantada: Mas quem lhe faltou aqui com respeito, D. Augusta?

AUGUSTA: Aquele senhor, sua filha... todos, enfim. (Enxuga lágrimas.)

TODOS, a um tempo: Eu!?

AUGUSTA: Aquele senhor diz-me coisas que eu nunca ouvi. Nunca!

CLEMENTE, batendo no peito: Eu?!

CUSTÓDIA, baixo à Clemente, em tom de reproche: Sempre a boca suja, comadre. O senhor não se emenda.

CLEMENTE, indignado: Boca suja! Perdão... (À Augusta:) Que disse eu? Eu sou um pai de família. O que eu disse repito em voz alta, diante de todos.

AUGUSTA: O senhor não repete!

CUSTÓDIA, baixo a Clemente: Olhe a as meninas, comadre.

AUGUSTA: Não é capaz.

CLEMENTE: Não repito?!

AUGUSTA: Não repete!

CLEMENTE: Ora essa! (Furioso:) O que eu lhe disse é a pura verdade, minha senhora, tão pura como esta luz que nos alumia. (À Eufêmia:) Você que é, menina? Diga aqui a esta senhora. Que é? Homem ou mulher?

EUFÊMIA: Homem!

AUGUSTA, depois de relancear por todos um olhar airado, tomando estabanadamente a bolsa: Sabem que mais? Eu não me presto a debiques. Troças comigo, não! (Espanto geral.) Tenham paciência! (À Custódia, sentida:) Eu não mereço ser tratada assim em sua casa, D. Custódia. Não mereço, não. (Caminha para o fundo meneando com a cabeça em gesto negativo.)

CUSTÓDIA: Mas acredice, D. Augusta... é a pura verdade.

AUGUSTA: Acreditar em quê, D. Custódia? Então eu sou tola?

CLEMENTE, dirigindo-se para o fundo: Mas... Minha senhora.

IRACEMA, mesmo jogo: D. Augusta...

CUSTÓDIA, andando de um lado para outro desolada: Eu não digo!

BIBI: D. Augusta...

EUFÊMIA, encolhendo os ombros: Não quer acreditar, melhor. (Augusta sai).

BIBI: Realmente...

CENA XII

Os mesmos, menos AUGUSTA

CLEMENTE, irritado: Está danada porque perdeu uma freguesa e atira a culpa para cima de mim. É boa!

CUSTÓDIA, dando de mão diante dos olhos: Ninguém acredita... Ninguém! (*Senta-se com os cotovelos nos joelhos, e a cabeça entre as mãos.*)

EUFÊMIA, sentando-se de pernas cruzadas: Mas afinal, que há nisto de extraordinário?

CUSTÓDIA: Olha, Eufêmia... seja como for, o melhor é você ficar como estava. Você tem vivido até hoje assim, por que há de mudar? Isso vai ser uma atrapalhação para todos.

EUFÊMIA: Como atrapalhação?

CUSTÓDIA: Pois então! Todo mundo conhece-te como Eufêmia e eu hei de agora andar participando, explicando a uns e outros que não és mais Eufêmia? Põe o caso em ti, minha filha. A gente também tem vergonha. E depois... ninguém toma a sério uma coisa assim. Ninguém. Eu, por mim, deixava as coisas como estão. Ninguém sabe. D. Augusta pensa que foi pagode. Melhor. Você continua como dantes, casa-se... (*Olha enternecidamente para Bibi. A Clemente:*) Não acha, compadre?

CLEMENTE, fugindo à questão: Isto agora, comadre... é lá com eles.

EUFÊMIA, levantando-se com ímpeto: Casar-me com Bibi... Eu?!

CUSTÓDIA: Depois aquele médico, um catacego. Sei lá! Eu só digo que ainda perco a cabeça nessa barafunda.

CLEMENTE, atarantado: E esta menina aqui a ouvir estas coisas... (*A Iracema, acariciando-a:*) Vai lá pra dentro, filhota.

IRACEMA, ingenuamente: Ora... Por quê? Que pensam então? Eu sei tudo.

CLEMENTE, aterrado: Sabes tudo!

IRACEMA, baixando os olhos: Então! E não é de hoje.

CLEMENTE, agarrando-a por um braço: Hein?!

CUSTÓDIA: Como? (*Com as mãos na cabeça, à parte:*) Virgem!

IRACEMA: Sinhá nunca teve segredos para mim.

CLEMENTE: Mau! Mau! (*Severo:*) Tu... então? (*Aceno afirmativo de Iracema. A Custódia:*) Sua filha, minha senhora... ou filho...

CUSTÓDIA, enfezada: Olhe, compadre, quer saber uma coisa? É melhor não bolir comigo. Já estou cheia! (*A Eufêmia, amuada:*) Você faz lá as suas maluquices, e sou eu que pago.

EUFÊMIA: Que maluquices?

CLEMENTE, a Eufêmia em voz soturna: A senhora... O senhor!...Ah! mas eu vou pôr essa história em pratos limpos.

EUFÊMIA: Mas afinal...que há?

IRACEMA: Eu dei a entender a Bibi.

BIBI: A mim?!

IRACEMA: Sim senhor. Mais de uma vez.

BIBI: A mim, não. Tu nunca me disseste nada.

CUSTÓDIA, *de mãos postas, à parte*: Que vergonha, meu Deus!

IRACEMA: Como não disse?

CUSTÓDIA: E porque não me disseste, a mim?

CLEMENTE: E a mim...?

IRACEMA: Ora... por quê?... porque os senhores faziam questão do casamento, fosse como fosse. Mas a Bibi eu disse. Se ele teima é porque quer. (A Bibi:) Então eu não te disse, mais de uma vez, que Sinhá não gostava de ti? Não disse?

BIBI, *apavorado*: Sim, isso disseste.

EUFÉMIA, *intervindo*: Perdão... expliquemo-nos.

CLEMENTE, *desassombrado*: Mas então é isso que sabes: que ela...?

EUFÉMIA, *imperativa*: Ele!

CUSTÓDIA: Deixa, minha filha, é o costume.

CLEMENTE, *insistindo*: ... que ela! (A Eufêmia:) Eu refiro-me ao passado. (A Iracema:) ... que ela não gostava de Bibi?

IRACEMA: Pois então? (Clemente respira desafogadamente:) E para mim, tudo isso que Sinhá está fazendo não passa de pagode.

EUFÉMIA, *muito grave*: Enganas-te, Iracema. Isto é tudo que há de mais sério nesta vida.

IRACEMA, *sorrindo com intenção*: Pois sim (Outro tom:) Eu quero muito bem a Bibi, mas acho que Sinhá tem razão. Uma moça que se casa contra a vontade não pode ser feliz. Eu cá penso assim.

CUSTÓDIA, *baixo a Eufêmia, esperançada*: Mas então é porque não te queres casar com Bibi?

EUFÉMIA, *superiormente*: Não, mamãe.

CUSTÓDIA: Então porque é?

EUFÉMIA: É porque é mesmo.

CENA XIII

Os mesmos e DONÁRIA

DONÁRIA, *aparecendo ao fundo*: Já dei o recado. Seu Batista vem aí.

CUSTÓDIA: Que Batista?

DONÁRIA: O barbeiro da esquina.

CUSTÓDIA: O que vende o bicho? O que vem ele fazer aqui?

DONÁRIA: Pois Sinhá não disse que queria cortar o cabelo?

CUSTÓDIA, *com um muxoxo*: Ora!

DONÁRIA, *de trombas*: Eu faço o que mandam. (*Vai-se pelo fundo resmungando*.)

CLEMENTE, *que tem estado a matutar num canto, a Custódia, gravemente*: Comadre, a senhora dá-me uma palavra em particular?

CUSTÓDIA, *intrigada*: Pois não, compadre. Aqui mesmo?

CLEMENTE: Não. É melhor lá dentro.

CUSTÓDIA: Pois vamos. Estou às suas ordens. (*Custódia e Clemente entram à esquerda*.)

IRACEMA, *baixo a Eufêmia*: A mim é que você não engana. (*Entra à direita, rindo*.)

CENA XIV

BIBI e EUFÊMIA

BIBI, *depois de espiar a todas as portas, planta-se diante de Eufêmia e exclama com desafogo*: Enfim... sós!

EUFÊMIA: Dá cá outro cigarro, Bibi.

BIBI: Não! Agora não! Tem paciência. Estamos sós e é necessário que resolvamos a nossa situação. Isto não pode ficar assim. Somos noivos e o casamento, Sinhá, é coisa séria!

EUFÊMIA: De acordo: muito séria. É a base da família, o princípio fundamental da sociedade etc... Mas dá cá o cigarro. Eu sem fumar não sou gente.

(*Bibi atende. Depois de acender o cigarro, cruzando a perna*): Muito bem. Estou às suas ordens...

BIBI, cruzando os braços e encarando-a severamente: Que quer dizer isto? Como pilhária acho-a de mau gosto. Tens alguma queixa de mim? Com franqueza?...

EUFÊMIA: Eu? Não. Por que?

BIBI: Então que quer dizer isto? Explica-te?

EUFÊMIA, severamente: Isto? Isto quer simplesmente dizer, meu amigo, que somos incompatíveis.

BIBI: Incompatíveis?

EUFÊMIA: Incompatibilíssimos! (*com severidade*) Bibi, durante dezoito anos vivi dentro de uma ilusão e de saias, aparentando o que não era e suportando o diabo! Por mais que eu dissesse, como... não me lembra quem: "Il y a quelque chose lá!" ninguém acreditava. Deram-me bonecas, ensinaram-me a fazer crochê, puseram-me em uma escola de meninas, e eu... (*De repente*:) Conheces a história do Patinho Torto?

BIBI: Não.

EUFÊMIA: Eu não a sei lá muito bem. Nunca tive jeito para histórias. Enfim, vou ver se consigo dar uma idéia. (*Pondo-se a vontade*:) Era no reino dos patos. Um dia, passando por ali um bando de cisnes e sentindo-se a rainha deles ligeiramente incomodada, meteu-se no mato onde descobriu um ninho cheio de ovos, exclamando logo, exultante: "Oh! Que achado!" E foi como se houvesse entrado em uma maternidade. Compreendes? (*Aceno afirmativo de Bibi*). Os patos, porém, sentindo o inimigo, levantaram tamanha grasnada que os cisnes abalaram em alvoroço... e com eles a rainha-mãe. A pata, dona do ninho, deitou-se sobre os ovos sem dar tonto em mais um que ali aparecera... e chocou-os. No tempo próprio saiu a ninhada. Entre os patinhos, porém, veio um tão esquisito, tão mal conformado e com tão comprido pescoço que se tornou, desde logo, vítima dos remoques, não só dos patos adultos como dos próprios irmãos... - como direi? - de leite, não: de choco. Apelidaram-no "Patinho Torto". Pois, meu caro, o monstrengo não era nem mais nem menos que um cisne e só deu por isso quando, fugindo à perseguição dos patos, que o traziam de canto chorado, achou-se um dia, num lago entre outros cisnes. Vendo-os e comparando-se com eles, ficou surpreendido com a semelhança, compreendendo, então, e com orgulho, que não era um aleijão, mas um lindo exemplar de animal superior, com outro porte, outra graça que não tinham os patos. (*Levantando-se com ar pimpão*:) Pois, meu caro Bibi, a minha história é, com pouca diferença, a do Patinho Torto.

BIBI: Como?

EUFÊMIA: Se eu te dissesse os comentários que faziam em volta de mim, os risinhos, as zombarias que me acompanhavam nas ruas, nos bondes, nos teatros, nos bailes, nos cinemas, onde quer que eu aparecesse. Horríveis, meu velho! (*Encarando-o*:) Olha que tens mau gosto! Apaixonar-se um homem por uma tipa como eu era... só mesmo tu!

BIBI: Pois eu...

EUFÊMIA: Homem, cala-te!... Um dizia que eu era feito - ou feita - a machado; outro que não tinha gosto, que era brutalhada, que estava muito boa para ir para a guerra responder ao 420 boche. Riam-se do meu buço. Achavam-me sem modos, e no Fluminense, quando eu torcia... não te digo nada!... Estive uma vez vai, não vai a quebrar a cara dum sujeito, um tal que espicha os olhos muito delambidos para as arquibancadas para ver...

BIBI: Sei: O homem das pernas.

EUFÊMIA: Sim. Bibi, a bruxa, a trouxa, o bacamarte... no outro sexo, era este seu criado. O *Patinho torto*, cisne como tu, e formoso, porque, como homem, tem paciência, poucos me passarão à frente.

BIBI: Mas... e o atestado?

EUFÊMIA: Que atestado?

BIBI: Tu não podes passar assim de um sexo para outro sem... passaporte e declaração pública. Se a gente, para mudar o nome, anuncia nos jornais, vai ao tabelião, quanto mais para mudar o sexo.

EUFÊMIA: Sim, tens razão. Hei de ver isso. Mas voltando ao nosso caso... comprehendes que, com a mudança, tendo passado de pato, ou pata, a cisne, o nosso casamento é impossível. Continuemos como bons amigos e as confidências que eu, dantes, fazia a Iracema, farei doravante a ti.

BIBI: Qual! Eu não me conformo!

EUFÊMIA: Como não te conformas? Essa agora!

BIBI: Não, Sinhá, eu... (*Intrigado:*) Como, diabo, hei de eu chamar-te agora?

EUFÊMIA: Chama-me como quiseres. Ainda não pensei na nova firma. Adotemos, por enquanto esta: Eufêmia & Cia: em liquidação.

CENA XV

Os mesmos, DONÁRIA, depois BATISTA

DONÁRIA, *aparecendo ao fundo:* Sinhá, seu Batista está aí.

EUFÊMIA: Manda entrar.

DONÁRIA: Entre, seu Batista.

BATISTA, *aparece ao fundo com um embrulho e, vendo Eufêmia de traje masculino, com os cabelos soltos, deixa cair o embrulho e parma estatelado:* Oh!

EUFÊMIA: Não se espante, seu Batista e lavre lá um tento porque arranjou mais um freguês de barba e cabelo.

BATISTA, *aparatado*: De barba... barba?!

EUFÊMIA: O caso é simples. Como nasci muito enfezadinho, mamãe fez promessa de vestir-me de mulher até eu completar os dezoito anos. Terminando hoje o prazo do voto reintegro-me no meu sexo, que é o masculino, com todas as honras e sem esta cabeleira, que o senhor vai deitar abaixão agora mesmo.

BATISTA: Ah! Bem... comprehendo. Então dezoito?

EUFÊMIA: Dezoito, vamos entrando. (*A Bibi*) Espera-me aqui um instante. Tem aí o último número do "D. Chicote". Ria à vontade. Vamos, seu Batista. (*entra à direita. Batista acompanha-a, mas Donária detém-no à porta*).

DONÁRIA: Olhe aqui, seu Batista: O senhor aceita duzentos réis na dezena e duzentos réis no grupo?

BATISTA, *sorrindo maliciosamente*: Dezoito, não? Cachorro e porco. (*Consulta o relógio*).

DONÁRIA: O senhor é ladino!...

BATISTA: Pudera! Com um palpitão destes. Vá lá! (*Entra à direita*).

CENA XVI

BIBI e DONÁRIA

DONÁRIA, *depois de um momento*: Seu Bibi, ainda que mal pergunte: O senhor acredita nessa história de Sinhá?

BIBI: Sei lá, Donária!

DONÁRIA: Pois olhe... Eu é porque não sou linguaruda, mas sempre desconfiei.

BIBI: Tu?! Porque?

DONÁRIA, *misteriosamente*: Olhe, seu Bibi, neste mundo cada um sabe de si e Deus de todos. (*Batendo na boca*) Hum! Cala a boca, Donária. (*Sai pelo fundo, seguida pelo olhar suspeitoso de Bibi*).

Fim do 2º ato

TERCEIRO ATO

Mesmo cenário.

CENA I

BIBI, DONÁRIA, no interior; BATISTA; depois CUSTÓDIA.

Ao levantar-se o pano, ouve-se a voz de DONÁRIA cantando, à direita, fundo, a “Canção do soldado paulista”. Bibi caminha pela sala preocupado, gesticulando; para de olhos altos, carrancudo, como em meditação e, falando consigo, continua a perlongar a sala. Batista sai da direita com o embrulho; faz um cumprimento a Bibi, que não corresponde, alheado a tudo, e sai pelo fundo à direita. Custódia entra vagarosamente pela esquerda, sombria, detém-se junto à mesa mexendo distraidamente nos jornais; por fim, arrancando do peito um suspiro angustioso, senta-se no sofá cabisbaixa, com as mãos espalmadas nas coxas.

DONÁRIA, no interior, à direita: Adeus, seu Batista. Olhe a minha encomenda, hein? Na dezena e no grupo.

CENA II

BIBI, CUSTÓDIA e EUFÉMIA

EUFÉMIA, de cabelo cortado, entra pela direita triunfante com uma trança na mão: Livre, enfim!... (Bibi, ao dar com os olhos em Eufémia, cai em uma cadeira fulminado.)

BIBI, balbuciando em voz quase extinta: Sinhá!

CUSTÓDIA, levanta os braços, horrorizada, e deixa escapar um grito: Misericórdia!

BIBI: Que fizeste, Sinhá?

EUFÉMIA: Apoderei-me da praça, tomando a bandeira ao inimigo.

CUSTÓDIA: E agora, menina?

EUFÉMIA: Agora vou desfraldar o pavilhão da vitória, o pavilhão do meu sexo.

CUSTÓDIA: Que pavilhão, filha de Deus?...

EUFÉMIA: A barba! De Sansão, a tesoura levou as forças; a mim, fê-las vir... (*Ufano:*) Agora sim: sou gente! (*Sopesando as tranças:*) Não pesam tanto os grilhões a um galé como

me pesava esta ignomínia. Vou lançá-la ao fogo! (*Encaminha-se resolutamente para o fundo. Custódia toma-lhe a frente, arrancando-lhe a trança da mão*).

CUSTÓDIA: Nunca! Queimá-la... Nunca! (*Contemplando a trança com enlevo*:) É preciso não ter coração. (*Desata a chorar abraçando-se com a trança e cobrindo-a de beijos frenéticos*:) Ah! Minha Trancinha querida! Trança do meu coração! Que sina a tua!

EUFÊMIA, *passando o braço pelos ombros de Custódia*: Coragem, mamãe!

BIBI, *a Eufémia, baixinho*: Mas então... tu...?

EUFÊMIA, *a Bibi*: Então... quê? (*A Custódia*:) Levanta as mãos para o céu, mamãe, e agradeça o milagre que ele acaba de realizar. O seu amor de mãe não sofre com a mudança, e eu, ou antes, nós, lucramos com a transformação porque, passando a homem, falarei grosso, doravante, tomando a direção dos nossos negócios que, por falta de um pulso, iam por água abaixo.

CUSTÓDIA: E tu tens jeito para homem, Sinhá? Tens?

EUFÊMIA: No princípio é natural que me atrapalhe um pouco, mas hei de aprender, descanse. Tudo se consegue com o verbo querer, e eu quero!

CUSTÓDIA: Pois sim, vai querendo! Mas queira Deus que não te saia o trunfo às avessas. Se fosse só querer... Enfim... isso é lá contigo. (*Outro tom*) E o mundo? Que dirão por aí esses diabos que falam de tudo?

BIBI, *meneando com a cabeça*: É nisso que eu penso.

EUFÊMIA: Falam enquanto não se lhes tapam a boca, mamãe; mas eu tenho rolha, não se incomode. E que importa o mundo? Que fale! Quem dá ouvidos a vozes, não vai para diante. Lembra-se da fábula do camponês e o filho. Que me importa a mim o mundo!

CUSTÓDIA: Sim, tu não te importas, mas eu... Eu é que vou ouvir boas por aí.

BIBI, *esticando o beiço*: E eu!

EUFÊMIA, *a Custódia*: Se eu, quando era mulher, não aturava desafetos, quanto mais agora. Que se metam comigo! (*A Bibi*:) E tu. Desculpe-me, Bibi. Não é porque eu não te queira, e muito, que retiro a minha palavra, mas tu comprehendes: dois bicudos não se beijam.

BIBI: Sim, se é verdade o que dizes...

EUFÊMIA: Pois ainda duvidas?

CUSTÓDIA: Sendo assim, ainda mesmo que ela quisesse, não seria possível. Duro com duro não faz bom muro, diz o ditado. O remédio agora... nem eu sei mesmo. (*Apalermada*): Nunca vi uma coisa assim. Até parece feitiço, palavra!

BIBI: Papai está lá dentro?

CUSTÓDIA: Está.

BIBI: Com licença. (*Entra à esquerda*).

CENA III

EUFÊMIA e CUSTÓDIA

CUSTÓDIA, seguindo Bibi com um olhar piedoso, penalizada: Ai! Meus Deus! Pobre rapaz! Tanta coisa... tanta coisa pra nada. Olha que é mesmo para um homem perder a cabeça. Já é falta de sorte. Enfim, ainda podia ser pior. Imaginem isso no dia do casamento. Nossa senhora! Nem é bom pensar. (*Eufêmia repuxa as calças remexendo-se como incomodada*). Que é? Que é que tens?

EUFÊMIA: São as calças.

CUSTÓDIA: Eu não digo?! Tu não vais lá das pernas, minha filha. Afinal, deixa lá! São dezoito anos de saias, a gente habitua-se.

EUFÊMIA: Não, mamãe!... Isto agora ou vai ou racha!

CUSTÓDIA: Que é isso, menina!

EUFÊMIA, dando um forte safanão às calças: É o que lhe digo. (*Outro tom:*) Mas afinal... A senhora queria dizer-me alguma coisa.

CUSTÓDIA: Sim... é... é uma coisa muito séria. Nem eu sei mesmo como hei de dizer. Tu agora és homem e eu com homens... francamente... não está em mim. Eu só falei à vontade com um homem neste mundo e esse Deus lá o tem na sua glória.

EUFÊMIA: Mas eu sou seu filho, mamãe.

CUSTÓDIA: É... mas... não sei... Enfim... façamos de conta que ainda és Eufêmia.

EUFÊMIA: Pois sim, mas só na intimidade. Para a senhora, muito bem. Para os mais Eufêmia morreu. (*Custódia persigna-se supersticiosamente*). Fale. Que há?

CUSTÓDIA, vexada: Foi o compadre que me disse. E ele tem razão, isso tem. Este mundo é de maldade. Afinal de contas vocês viviam sempre juntas. (*Atrapalhada:*) Eu mesma não sei.

EUFÊMIA: Mamãe quer falar de Iracema?

CUSTÓDIA: É...

EUFÊMIA, muito digna: Iracema foi sempre para mim uma irmã.

CUSTÓDIA: Eu sei. Mas o mundo, minha filha... o mundo, você sabe, tem a boca muito grande!

EUFÊMIA: Ora, o mundo!...

CUSTÓDIA: Não, é “ora”! Não. O comadre diz que vão falar.

EUFÊMIA: Falar?!

CUSTÓDIA: É.

EUFÊMIA: Falar de quê?

CUSTÓDIA: Ora, de que... de que é que se fala neste mundo senão da vida dos outros?

EUFÊMIA: Mas mamãe, acha-me capaz?

CUSTÓDIA: Eu, não. Quem acha é o comadre.

EUFÊMIA: Oh! (*Com muito pundonor*) Mamãe, eu sou um homem de bem!

CUSTÓDIA: Eu sei, menina... eu sei. (À parte:) Qual! Eu não me posso conformar com essa história de homem, não posso!

EUFÊMIA, *com um olhar à direita*: Olhe, aí vem Iracema. Interogue-a.

CUSTÓDIA: Eu?

CENA IV

As mesmas, IRACEMA, depois CLEMENTE e BIBI

Iracema entra pela direita. Ao dar com Eufêmia estaca boquiaberta, emitindo um “oh!” surdo e oscila amparando-se a um móvel. Fica um momento como atordoada, de olhos fechados, passando a mão pela fronte. Eufêmia precipita-se para socorrê-la, cinge-a com o braço pela cintura. Iracema abre os olhos, fita-os em Eufêmia, volta-se depois para Custódia e, com um sorriso de desvario, põe-se a passar a mão pela cabeça de Eufêmia, entrando a rir, nervosa. O riso aumenta, vibra-lhe na garganta. O corpo tomba-lhe hirto nos braços de Eufêmia, que o sustém e o repousa, ao fim, no sofá, sobre almofadas.

CUSTÓDIA: Ainda mais esta! Também nunca vi criatura assim para ataques. Qualquer coisinha é isto.

EUFÊMIA: Onde está o éter, mamãe?

CUSTÓDIA: Que éter, sei lá de éter! Eu não sei de mim, quanto mais... Eu vou mas é chamar o compadre. (À esquerda, chamando:) Compadre!

EUFÊMIA, procurando despertar Iracema: Iracema! Ó! Iracema!...

CUSTÓDIA, atarantada: Se eu não ficar doida desta vez, então... (Clemente e Bibi entram pela esquerda alvorocados.)

CLEMENTE : Que é?

BIBI, vendo Iracema desfalecida: É Iracema com o ataque.

CUSTÓDIA: Viu Sinhá com os cabelos cortados e foi logo...

CLEMENTE, a Eufêmia: Homem... você também... que pressa? Podia ter esperado mais um pouco para preparamos o espírito da menina. Isso assim de repente... (Outro tom:) Não há por aí alguma coisa para dar-lhe a cheirar?

BIBI: Isto passa. (Iracema move-se lentamente, estira os braços, suspira.) Está passando.

CLEMENTE , vendo Iracema abrir os olhos: Sou eu, filhota. Então?

CUSTÓDIA: Estás melhorando? (Iracema senta-se alquebrada:) Queres ir lá para dentro? É melhor. Tiras o colete, ficas à vontade. (Iracema levanta-se de golpe, atravessa resolutamente a cena e entra à esquerda, seguida de Custódia.)

CENA V

CLEMENTE , BIBI e EUFÊMIA

CLEMENTE voltado para a esquerda, preocupado: A pequena é capaz de fazer alguma asneira. (A Eufêmia, repreensivo:) O senhor! O senhor!...

EUFÊMIA: O padrinho suspeita-me de alguma coisa?

CLEMENTE: Eu? Eu acho que isto não está direito. Isto não é sério. A gente é o que é. Um homem é um homem.

EUFÊMIA: E um gato é um bicho.

CLEMENTE: Não é isto. Das duas, uma: ou você casa-se com Bibi ou casa-se com Iracema.

EUFÊMIA: Como?

CLEMENTE: Como? Ora, como! Casando-se. Com Bibi você diz que não pode. E com Iracema?

EUFÊMIA: Hein?!

BIBI: Papai tem razão.

EUFÊMIA: Como tem razão? Então isto é assim? Pois eu ainda bem não saí de uma trapalhada já me querem meter em outra?

CLEMENTE: Trapalhada?! E você acha que as coisas vão ficar assim, não? Você era a amiga mais íntima de minha filha, não se deixavam: em casa, na rua. Dormindo juntas. De repente... Não! Tenha paciência.

BIBI: Papai tem razão.

CLEMENTE: Falei à comadre e estamos de acordo. Vou hoje mesmo tratar dos papéis.

EUFÊMIA: Dos papéis?!

CLEMENTE: Pois então? Primeiro do restabelecimento da tua idoneidade.

BIBI: Papai tem razão.

CLEMENTE: Depois, dos papéis do casamento. Isto não pode ficar assim.

BIBI: Papai tem razão.

EUFÊMIA, *explodindo*: Ah! Tem razão... tem razão! Você está danado com o que aconteceu e agora é: Papai tem razão... Papai tem razão. Não amoles! (A Clemente:) Dêm-me tempo, que diabo! Deixem-me, ao menos, respirar um pouco. Eu não tenho prática. Se ainda não me ajeito nas roupas quanto mais... Tenham paciência. Também não é assim. Não sou pau para toda obra.

CLEMENTE: Poi sim. Nem eu estou exigindo que seja hoje ou amanhã.

EUFÊMIA: Ponham o melhor *goal-keeper* do mundo a jogar de *back* e hão de ver o fiasco.

CLEMENTE, *sem entender*, a Bibi: Que diz ela?

BIBI: É linguagem de futebol.

CLEMENTE: Inglês. Não entendo. (A Eufêmia:) Que queres dizer?

EUFÊMIA: Quero dizer que sem treino nada se faz neste mundo.

CLEMENTE: Que treino? Quem falou aqui em treino?

EUFÊMIA: Falo eu, porque querem que eu jogue em uma posição que não conheço.

CLEMENTE: Jogar?...

BIBI: Ela quer dizer: casar.

CLEMENTE: Então casamento é jogo?

BIBI: É gíria de futebol.

CLEMENTE: E que vem cá fazer o futebol? O caso é simples..

EUFÉMIA: Parece-lhe. Para quem está na arquibancada tudo é simples. Entre em campo e há de ver.

CLEMENTE: Que campo?

EUFÉMIA: Nada.

CLEMENTE: Pois é. Vocês criaram-se juntas, são quase da mesma idade, diferença de meses. Casam-se, dão uma satisfação à sociedade e está tudo acabado. Você, com certeza, não está comprometida?

EUFÉMIA: Eu?

BIBI: Estava: comigo.

EUFÉMIA: Você está *off-side*.

CLEMENTE: Eu já não me entendo na minha língua quanto mais nas estrangeiras. Deixe-me de inglês. (*Outro tom:*) Ora, rapaz... Nós estamos falando sério. Não te metas. (*A Eufémia:*) Pois é o que digo. Uma menina direita, como você foi, não podia comprometer-se. Sendo assim, se você há de andar por aí quebrando a cabeça, casa-se com uma pessoa conhecida.

EUFÉMIA: Pois sim. Mas e se eu lhe disser que Iracema não é livre!

CLEMENTE: Não é livre?! Como não é livre?

EUFÉMIA: Sim. O senhor bem sabe que nós não tínhamos segredo uma para outra. Conheço o coração de Iracema como conheço o meu. E então?

CLEMENTE: Então... que?

EUFÉMIA: Como quer o senhor que eu me case com uma menina que deu o coração a outro?

CLEMENTE: A outro? Que outro?

EUFÉMIA: Outro homem.

BIBI: Não é possível!

EUFÉMIA, *severamente*: Eu não minto, Bibi.

CLEMENTE: Que homem?

EUFÉMIA: Um homem.

CLEMENTE: Duvido! Sem licença minha, duvido!

EUFÉMIA: Pois eu afirmo!

CLEMENTE: E esse homem... quem é?

EUFÉMIA: Não lhe posso dizer. É um homem.

CLEMENTE: Ah! É um homem... E você não pode dizer? Muito bonito! Duas moças solteiras escondendo um homem ao pai e ao padrinho. Muito bonito, não há dúvida! (Furioso:) Pois eu vou chamá-la! Quero essa história em pratos limpos. (*Encaminha-se para a esquerda, mas volta-se de repente:*) Demais, quando esse homem souber que você também é o que é... só se for mesmo... (A Bibi:) Não te parece?

BIBI: É claro.

CLEMENTE: Claríssimo. (A Bibi:) Você casava, hein? Casava-se? (Gesto negativo de Bibi:) Nem eu. (Dá alguns passos em direção à porta da esquerda e volta-se repentinamente encarando Eufênia:) Você diz que precisa fazer não sei que...

BIBI: Treinar-se.

CLEMENTE: Isso! Pois treine-se à vontade, mas quando acabar de treinar-se. Casa-se. Se não quiser viver aqui, tem lá a fazenda e onde comem três comem quatro. (A Bibi:) Vai chamar tua irmã. Estas coisas decidem-se logo. (*Custódia e Iracema aparecem à esquerda.*)

BIBI, *que estava se encaminhando para a lá, volta-se:* Aí está ela!

CLEMENTE (*vai ao encontro de Iracema e atrai-a a si, passando-lhe o braço pela cintura, muito meigo*): Então, filhota?

IRACEMA, *lânguida*: Ah! Papai... (Pende a cabeça sobre o ombro de Clemente). Sou muito sensível, perdoa-me. Estes abalos fazem-me tanto mal!! Vibro que nem sei.

CLEMENTE: Sim, mas não te incomodes. Está tudo arranjado. Fia-te em mim que sou o teu anjo da guarda. (Fá-la sentar-se. A Custódia, discretamente:) Falei, comadre.

CUSTÓDIA, *em voz baixa e ansiosa*: E então?

CLEMENTE, *radiante*: Ora!

CUSTÓDIA, *de olhos para o alto*: Louvado seja Deus! (Outro tom:) Mas olhe, compadre, que isto seja para breve, porque pode vir para aí outra história e eu já não posso comigo.

CLEMENTE: Sim, sim... nem há tempo a perder. A propósito: leve-me daqui os noivos.

CUSTÓDIA: Que noivos?

CLEMENTE: Que noivos? Bibi e... Eufê... (Caindo em si:) Homem, tem razão, é o hábito, comadre. Veja se os leva daqui porque preciso conversar com a pequena.

CUSTÓDIA: Pois não. (Chamando:) Sinhá! (Eufênia volta-se.) Você não ouve? Bibi! (Bibi volta-se. Dirigindo-se para o fundo:) Venham cá dentro um instante. (Os três saem pelo fundo, esquerda.)

CENA VI

CLEMENTE e IRACEMA

CLEMENTE, *esfregando as mãos*: Pois é verdade, filhota. Está tudo arranjado. IRACEMA: Tudo quê?

CLEMENTE: O teu casamento.

IRACEMA, *com espanto*: Meu?!...

CLEMENTE: Sim, o teu casamento. Não me consta que tenhas feito voto.

IRACEMA, *pondendo vivamente de pé*: Meu casamento?! Com quem?

CLEMENTE: Com quem há der ser? Com Sinhá.

IRACEMA, *com sinais de assombro*: Com Sinhá? Papai está louco!? Casar-me com Sinhá! (*Desata a rir.*)

CLEMENTE: Ri? Pois o caso não é para rir, minha filha: é sério, muito sério!

IRACEMA, *encarando Clemente*: Não comprehendo.

CLEMENTE: Como não comprehende?

IRACEMA: Pois Sinhá não é mulher?

CLEMENTE, *à parte*: Agora é que são elas!

IRACEMA, *insistindo*: Não é mulher?

CLEMENTE: Foi.

IRACEMA: Foi!?

CLEMENTE: Sim: foi, ou antes: passou por ser.

IRACEMA: Passou por ser... Cada vez entendo menos.

CLEMENTE, *puxando-a para si*: Olha, senta-te aqui. (*Sentam-se no sofá. Falando paulatinamente:*) Quando Sinhá nasceu já lhe havia morrido o pai, você sabe. A pobrezinha veio ao mundo de luto, tanto que a ama de leite que lhe deram era uma negra retinta. Pois bem, a comadre, vendo-se só, sem o amparo de um homem – porque você sabe: um homem é tudo em uma casa – pensou, e pensou muito bem, que o melhor meio de criar e educar o filho sob suas vistas era fazê-lo passar por menina. E assim fez. Se ela lhe dissesse que era menino ele havia de querer andar solto, em companhia de outros, fazendo travessuras pela rua, com risco de ser vítima de algum desastre. Menina, não: era em casa, juntinho dela, com as suas bonecas, a sua cestinha de costura, etc. E assim cresceu Sinhá certa de que era menina, não só pela educação mimosa que lhe davam como

também pelos vestidos. Não achas que a comadre fez bem?

IRACEMA: Mas...

CLEMENTE, prosseguindo: Bom. Com a idade, você comprehende, começaram a aparecer certas manifestações como, por exemplo: o buço, o gosto pelo cigarro, etc... etc...

IRACEMA: Mas se D. Custódia sabia que Sinhá era homem como consentiu no casamento dela com Bibi?

CLEMENTE: Como? Ora, como... (*De repente*:) Por tua causa.

IRACEMA: Por minha causa?

CLEMENTE: Sim, por tua causa. Inteligente, como é, Sinhá tornou-se, desde cedo, muito notada nos salões. Sem ser bonita, mas simpática, tocando bem piano, falando várias línguas, recitando em francês, dançando o tango e essa danças americanas na perfeição, entendendo, como ninguém, desse jogo de bola e, possuindo alguma coisa de seu, nós (porque foi combinação minha com a comadre) para evitarmos que algum rapaz, impressionado pelos seus dotes, pedisse-a em casamento, tratamos de pôr uma pedra no caminho e essa pedra foi...

IRACEMA: Bibi.

CLEMENTE: Justo! Chegou, porém, o dia de revelarmos o segredo e tudo esclarece-se. Está aí o homem que só hoje entrou no uso e gozo dos seus direitos.

IRACEMA: E foi Dr. Patureba?...

CLEMENTE: O Dr. Patureba?!...

IRACEMA: Sim... esse da Casa de Saúde? Pois Sinhá não foi lá?

CLEMENTE: Ah! Sim... foi o Dr. Patureba. Grande médico! Um pouco de clorofórmio e... pronto. Quando ela abriu os olhos... era ele. (*Outro tom*:) E esse é o esposo que te destinamos, preparado com o maior carinho, como planta de estufa, exemplar único de marido, criado como uma donzela, como tu, que és a própria pureza, a alegria e o orgulho do teu velho pai. (*Beija-a na fronte*.) E agora, que conheces o caso, responde: sim ou não?

IRACEMA: Papai, não sei.

CLEMENTE: Como não sabes?

IRACEMA: A gente para casar-se deve primeiro ouvir o coração.

CLEMENTE: Não queres bem a Sinhá?

IRACEMA: Muito! Mas a Sinhá, a minha amiga de infância, daí, porém, a querê-la para marido vai muito.

CLEMENTE: Não acho. A amizade está muito perto do amor: é só virar a esquina.

IRACEMA: Preciso ouvir o coração.

CLEMENTE: Mau conselheiro! Enfim... ouve-o. Mas sé breve. Este caso deve ficar resolvido hoje. É urgente. (*Iracema baixa a cabeça, pensativa.*) Pensa. (*Medindo a sala a largas passadas, cabisbaixo, de mãos às costas:*) Uma quer treinar-se ou não sei que, à inglesa; outra quer ouvir o coração, num caso destes de: pão, pão; queijo, queijo.

IRACEMA, *de repente*: E que diz Sinhá?

CLEMENTE: Sinhá quer o casamento imediatamente. Assim que virou homem a primeira coisa que pediu foi a tua mão.

IRACEMA, *de repente*: E Bibi?

CLEMENTE: Ora... Bibi! Bibi era a pedra no caminho. Foi arredado. A passagem está livre.

IRACEMA, *depois de uma pausa*: Preciso ouvir o coração, papai.

CLEMENTE: Pois ouve-o, ouve-o à vontade. Se queres, eu saio. Pode ser que o teu coração...

IRACEMA: Não. Fique. (*Lânguida*) Eu sou de uma sensibilidade, papai...

CLEMENTE: Eu sei. (*Consultando o relógio*) Mas não te demores porque tenho ainda umas voltas a dar na cidade e faço questão de sair daqui com a tua resposta.

IRACEMA, *indecisa*: Não sei. (*Depois de um momento, consigo mesmo*) Perjura! (*A Clemente*) Sente-se aqui, papai. Sente-se e ouça-me. (*Sentam-se. Um momento. Poeticamente*) Uma noite - era em maio, mês das flores - a lua...

CLEMENTE: Sim. Conheço isto. É bonito, não há dúvida; mas eu tenho um negócio urgente lá em baixo. Vamos ao caso.

IRACEMA, *ressentida*: Oh! Papai... Então não queres ouvir?

CLEMENTE: Quero, quero; mas sem lua. E está tão claro não achas? Que vem fazer a lua de maio às duas horas da tarde de uma quinta-feira de setembro?

IRACEMA: Papai não tem alma.

CLEMENTE: Parece-te. Queres que eu tenha alma quando tenho um compromisso urgente na cidade... (*Consulta o relógio*.)

IRACEMA: Pois saiba, papai, que eu amo um homem com todas as veras de minha alma. É o astro de minha vida, a minha estrela polar.

CLEMENTE: Algum *cometa*?

IRACEMA: Seu Desidério.

CLEMENTE, *num salto*: O boticário?

IRACEMA: Boticário... Porque não dizes: farmacêutico? É mais distinto.

CLEMENTE: Ora, menina... Palavra! Sempre pensei que tivesses mais gosto. Um frangote daqueles, que tresanda a ungamentos e cataplasmas a um quilômetro de distância. Francamente, Iracema...

IRACEMA: Ungamentos e cataplasmas... E o senhor já o ouviu recitar *O noivado do sepulcro*?

CLEMENTE: Eu? Quero cá saber de casamento em cemitério. Casamento é entre vivos, como você e Sinhá. *Noivado do sepulcro!* Ora não me faltava mais nada! (*Resoluto*) Deixa lá o Desidério com as sua purgas e xaropadas. Eu sei isto o que é. Além dos colonos não vias outro homem lá em casa senão o Desidério e deu-se contigo o mesmo que aconteceu a Eva.

IRACEMA: Que Eva?

CLEMENTE: A nossa primeira mãe, que se casou com Adão porque não havia outro homem no paraíso. Não, minha filha, deixemo-nos de drogas. Entre um boticário da roça, como Desidério, e um rapaz da cidade, como Sinhá – bem educado, conversável, com um belo futuro diante de si, não há que hesitar.

IRACEMA: E a minha palavra?

CLEMENTE: Ora a tua palavra...! Palavras valem pelo peso. Palavras levianas são como o fumo que o vento leva.

IRACEMA: E se ele morrer de amor?

CLEMENTE: Qual morrer! Tem muito remédio em casa, que se arranje. (*Concludente*) E se morrer enterra-se e reza-se-lhe uma missa pela alma. (*Outro tom*) Mas deixemos o Desidério. Sinhá é o marido que te convém. Demais, já está tudo combinado.

IRACEMA, *hesitante*: Não sei. (*Um momento. Timidamente*) Em fim... só vendo.

CLEMENTE: Como vendo?

IRACEMA: De certo. Eu não posso comprometer o meu futuro sem mais nem menos. Não conheço Sinhá.

CLEMENTE: Não conheces Sinhá!? Essa agora...!

IRACEMA: Quero dizer: Não conheço essa Sinhá... de cabelo cortado. Conheço a outra.

CLEMENTE: Pois é a mesma; mudou apenas de roupa.

IRACEMA: Só?!

CLEMENTE: Só. Pois então? (*Outro tom*) Olha, minha filha, o segredo da felicidade conjugal não é tão impenetrável, como parece. Os noivos, para lograrem-na, devem conhecer-se a fundo, e, assim, evitam surpresas depois de casados: "Ah! Porque você me

enganou. Eu pensei que você era assim, ou assado..." São as queixas que se ouvem constantemente, prenunciando discordias domésticas. Com você não se dará isto; vocês conhecem-se desde pequenas. Criaram-se juntas. Não é verdade?

IRACEMA, *mordendo o lenço*: É... Mas eu tenho medo.

CLEMENTE: Medo?! Medo de que? Então depois de tanto tempo agora é que você tem medo?

IRACEMA *põe-se a caminhar pela sala pensativa*: Não sei.

CENA VII

Os mesmos e CUSTÓDIA

CUSTÓDIA, *entrando pela esquerda, irritada*: Olhem que é preciso ter paciência de santa.

CLEMENTE: Que é, comadre?

CUSTÓDIA: Donária. Há mais de meia hora que pedi o café, e nada. Anda por aí, com certeza, atrás do bicho que deu. É um desespero! (*Andareja enfezada. Clemente aborda-a e fala-lhe em segredo. Voltando-se radiante:*) Como?

CLEMENTE, *em voz baixa*: Contei-lhe uma história e foi tiro e queda. Achei um boticário no caminho, mas isso...

CUSTÓDIA: Um boticário? Fazendo o que?

CLEMENTE: Recitando *O noivado no sepulcro*.

CUSTÓDIA: Que agouro. E para que?

CLEMENTE: Para casar.

CUSTÓDIA: Estão vendo só! Feitiçaria, não, comadre?

CLEMENTE: Sei lá. Varri fora. E está tudo arranjado.

CUSTÓDIA: Posso então abraçá-la?

CLEMENTE: Pois não.

CLEMENTE, *indo a Iracema*: Dá cá um abraço, minha filha. (*Abraça-se com Iracema e beija-a.*) Que Deus vos faça felizes. Não é a toa que se diz que casamento e mortalha no céu se talha. Quem diria que vocês duas, brincando de comadres, com bonecas, ainda haviam de acabar marido e mulher! O que tem de ser tem muita força, deixem lá! (A Clemente:) Assim como assim, ela não sai da família. Era noiva de Bibi (A Iracema:) e casa com você. É a mesma coisa, não acha, comadre?

CLEMENTE: Sem tirar nem pôr.

CENA VIII

Os mesmos e EUFÊMIA

Eufêmia entra pela direita vestindo peignoir branco e fumando a grandes baforadas.

Assombro de todos.

CLEMENTE, *sarapantado*: Hein? Virou outra vez!

CUSTÓDIA, *exultante*: Minha filha! Minha Sinhá!

IRACEMA, *desapontada*: Ela! (A Clemente:) E ele?!

CLEMENTE: Sei lá! Essa criatura ora está pelo direito, outra pelo avesso. O diabo que a entenda.

EUFÊMIA, *olhando em volta, surpresa*: Que há? Que barafunda é esta? (Compreendendo o motivo do alvoroço:) Ah! Sim... (Sacudindo o peignoir.) Que remédio! Ainda não estou prevenido. Bibi tem de ir à cidade e pediu-me a roupa e eu, à falta de outra, meti-me, de novo, nesta frandulagem em que andei tanto tempo amortalhado. O “Colombo”, até agora, nada. Decididamente preciso mudar de pele.

CUSTÓDIA, *enlevada*: Ficas tão bem assim, minha filha! Eu acho até que não te deves vestir de outra maneira, em casa pelo menos. Na rua, enfim... vá lá, mas aqui...

EUFÊMIA: Não, mamãe. O passado, passado. Não quero guardar lembrança do tempo horrível que vivi no outro sexo. *Homo sum!*

CLEMENTE: De acordo. Posições definidas. É preciso firmar-se em um sexo, mas de uma vez. Saias de manhã, calças à noite, não! Não serve. A gente precisa saber com quem vive. (Outro tom:) Bom. Agora outra coisa. (Baixo:) Está tudo arranjado.

EUFÊMIA: Tudo!? Tudo, que?

CLEMENTE: O teu casamento com Iracema.

EUFÊMIA: Meu casamento!? Mas isso assim do pé pra mão não é possível, padrinho. Eu preciso de um ano, pelo menos... Se ainda nem roupa tenho. Então é só casar? Eu estou chegando do outro sexo, ainda em traje de viagem e já me querem complicar a vida. Não, padrinho, tenha paciência. Embrulho comigo, não!

CLEMENTE: Embrulho... Então você...?

EUFÊMIA: Ora ouça-me. Que diria o senhor de um lente que exigisse de um aluno de geografia que prestasse exame... digamos: de álgebra, sem uma só lição? Diria, com certeza, que era um idiota, não?

CLEMENTE: Um asno. Duas matérias tão diferentes.

EUFÊMIA: Pois o meu caso é... análogo ao que figurei. Eu sou o aluno e o senhor é o lente. (*Desabafando:*) Eu não sei patavina da matéria, só hoje adquiri o compêndio e o senhor exige que eu preste o exame, a muque. Não, padrinho, figura triste não faço. Isso nunca!

CENA IX

Os mesmos e BIBI

BIBI, entra pela esquerda, vestindo o costume com que aparece no 1º ato, e dirige-se a Clemente: Papai quer alguma coisa da cidade?

CLEMENTE: Eu? Nada. Ah! Espera... os jornais da tarde.

EUFÊMIA: Traz-me dois maços de cigarros turco-goiano, médios. (*Bibi vai ao fundo, onde estão as senhoras.*)

CLEMENTE, a Eufêmia: Pois bem! Dou-te um ano de prazo, a contar de hoje. Para um rapaz inteligente, como você, acho que chega e sobra.

EUFÊMIA: Não perdendo tempo, estudando dia e noite, talvez.

CLEMENTE: Sim... mas cuidadinho! Nada de exageros. Olho vivo nos livros e cautela com os cursos. Há, por aí, alguns que são verdadeiros abismos.

EUFÊMIA: Bibi deve ter prática dessas coisas.

CLEMENTE: Bibi?... Tem tanta prática que resolveu tomar lições particulares. (*Outro tom:*) Pois é isto. Tens um ano, a partir de hoje... e sem prorrogação.

EUFÊMIA: E se forem muitas matérias?

CLEMENTE: Nada de muitas matérias. Não faço questão de diploma. Estuda bem os preparatórios e deixa o mais. Está dito?

EUFÊMIA: Está dito.

CLEMENTE: De hoje a um ano?

EUFÊMIA: Se Deus não mandar o contrário.

CLEMENTE, *desconfiado*: Se Deus não mandar o contrário... (*Resoluto*:) Se Deus mandar o contrário casas com Bibi. Ah! Isso... (*Dirige-se para o fundo*.)

EUFÉMIA: Não há como escapar. Preso por ter cão e preso por não ter. (*Dando de ombros*:) Enfim...

CLEMENTE: Comadre, meus filhos... (*Custódia, Bibi e Iracema descem formando grupo com Clemente. Com solenidade*:) Acabo de ajustar as bodas para daqui a um ano. Combinamos o seguinte: Se as coisas se mantiverem no pé em que estão Sinhá casará com Iracema, se houver modificação...

CUSTÓDIA: Não, comadre... Credo! Nem é bom pensar nisso.

CLEMENTE: Estou formulando a hipótese. Com sua filha tudo é possível.

BIBI: *Souvent la femme varie*.

CLEMENTE: Nesse caso, casará com Bibi. Seja como for, por fás ou por nefas, de hoje a um ano far-se-á o casamento; (*A Iracema*:) contigo ou (*A Bibi*:) contigo, conforme. (*Solene*:) E agora, que são noivos, abracem-se. (*Eufêmia que se acha entre Bibi e Iracema, é abraçada por ambos*.)

CUSTÓDIA, *enlevada*: Assim é que eu os queria ver. (*Eufêmia e Iracema conversam animadamente à direita, rindo. Bibi passeia encasmurrido, fumando*.)

CLEMENTE: Esperemos, comadre. Quem sabe lá o que o destino nos reserva.

CUSTÓDIA: Ainda?!

CLEMENTE: Porque não? O mundo dá tantas voltas. Enfim... eles aí estão prontos para o que der e vier. E que Deus os abençoe.

CENA X

Os mesmos e DONÁRIA

Donária entra pela direita com um serviço volante de café e biscoitos. Bibi é o único que recusa, continuando no passeio amazorrado. Clemente senta-se à mesa, puxando para si um prato de biscoitos.

IRACEMA, *a Eufêmia*: Lembro-me, como não? Era uma história que nos contava a Andreza... Mas Patinho Torto... você? (*Ri. Eufêmia diz-lhe um segredo malicioso, ela encara-o, baixa os olhos disfarçando o vexame*.)

CUSTÓDIA, recebendo de Donária uma xícara de café pergunta-lhe baixinho: Que bicho deu?

DONÁRIA, de trombas: Vosmecê ainda pergunta... Que bicho havia de ser? Foi o galo.

FIM

Submetido em: 04 out. 2025

Aprovado em: 25 nov. 2025